

## Retábulos na Diocese de Vila Real



PROMONTORIA MONOGRÁFICA HISTÓRIA DA ARTE

01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).  
2005  
Francisco Lameira

02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759*  
(impresso).  
2006  
Francisco Lameira

03 *O retábulo no Algarve* (impresso).  
2007  
Francisco Lameira

04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).  
2009  
Francisco Lameira

05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).  
2013  
Francisco Lameira e José António Falcão

06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa*  
(impresso).  
2014  
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).  
2014  
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).  
2014  
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).  
2015  
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).  
2015  
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).  
2015  
Francisco Lameira, José João Loureiro e  
frei José Carlos Vechina

12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).  
2016  
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 *Retábulos Relicários* (impresso).  
2016  
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).  
2017  
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e  
José João Loureiro

15 *Retábulos na Diocese de Leiria - Fátima* (impresso).  
2017  
Francisco Lameira, José João Loureiro e  
Virgolino Ferreira Jorge

16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).  
2017  
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa,  
Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).  
2018  
Francisco Lameira e José João Loureiro

18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu*  
(impresso).  
2019  
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

19 *Retábulos nos Açores* (impresso).  
2020  
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e  
Marta Bretão

20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato  
eletrónico).  
2020  
Francisco Lameira

21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).  
2020  
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e  
Renata Malcher de Araujo

22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).  
2020  
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e  
Martina del Rio João

23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).  
2020  
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e  
José João Loureiro

24 *Retábulos na Diocese de Vila real* (impresso e em formato  
eletrónico).  
2020  
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e  
Martina del Rio João



Retábulos  
na Diocese de Vila Real

## Retábulos na Diocese de Vila Real

Francisco Lameira  
José Bernardo Carvalho  
Martina del Rio João



**EDIÇÃO**

Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

**PARCERIA**

Millennium BCP

**DESIGN GRÁFICO**

Martina del Rio João

**FOTOGRAFIA (EXCETO as sinalizadas nas legendas)**

José Bernardo Carvalho

**EDIÇÃO DAS IMAGENS**

Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9023-37-6

**LOCALE ANO**

Faro | 2020

**APOIOS**



**CAPA:** Pormenor do retábulo da capela de Frades, em Cambeses do Rio (Montalegre).

**CONTRACAPA:** Pormenor do retábulo colateral da igreja paroquial de Torgueda (Vila real).

**Índice:**

Editorial.....	7
Introdução.....	9
Caracterização socio-religiosa da diocese de Vila Real.....	15
Retábulos na diocese de Vila Real	
-Localização.....	29
-Usos e funções.....	34
-Iconografia.....	38
-Encomenda.....	42
-Tipologias e modelos compositivos.....	44
-Periodização.....	50
-Filiação.....	60
-Materiais e técnicas.....	62
-Produção.....	64
Apontamentos e risco do retábulo da capela maior da igreja paroquial de Vreia de Jales – Vila Pouca de Aguiar.....	84
Mapa da localização dos retábulos selecionados.....	86
Catálogo dos retábulos selecionados.....	89
Bibliografia .....	151



Mateus (Vila Real). Igreja paroquial. Pormenor de retábulo colateral.

## Editorial

A Fundação Millennium bcp tem o maior gosto em se associar à Universidade do Algarve para a edição do volume 24 da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, com o título *Retábulos na Diocese de Vila Real*.

Depois da publicação dos volumes 7 sobre os *Retábulos na Diocese de Setúbal* e 17 sobre os *Retábulos no Patriarcado de Lisboa*, que também nos foi dado apoiar, surge agora um volume dedicado a Vila Real.

O vasto e valioso património retabular ainda subsistente nesta diocese, onde se incluem vários exemplares da maior proeminência a nível nacional, constitui um dos mais relevantes testemunhos da identidade transmontana. De salientar que algumas destas obras foram concebidas e entalhadas pelos mais exímios artistas dos quais se destacam os das cidades de Braga e do Porto. Interessantes retábulos foram igualmente executados por profissionais da região.

Apaz-nos dar o nosso contributo a esta iniciativa, promovendo a sua divulgação na esperança de que as diversas entidades locais, em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Felicitemos ainda com apreço os três estudiosos que prepararam pacientemente a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve; José Bernardo Carvalho, mestre em Conservação e Restauro na Universidade Católica do Porto e Martina del Rio João, investigadora e colaboradora desta coleção.

António Monteiro  
Presidente da Fundação Millennium bcp



Cumieira (Santa Marta de Penaguião).  
Igreja paroquial. Retábulo colateral.

## Introdução

Durante séculos os retábulos foram utilizados como equipamentos religiosos de grande relevância, transmissores de uma mensagem que se expressava não só nas artes figurativas (pintura e escultura), mas que também recorria à arquitetura, às artes decorativas e, por vezes, à heráldica. Afirmavam-se ainda como um símbolo do poder da entidade ou do cliente responsável pela sua administração, justificando-se deste modo a sua substituição periódica, na fase de maior esplendor, isto é, nos finais do século XVII e no século XVIII, pretendendo-se um mais atualizado, *ao moderno*.

O património retabular remanescente no território correspondente à diocese de Vila Real, criada em 1922, é constituído por um significativo acervo, subsistindo ainda muitos retábulos de grande relevância artística, quer executados por profissionais sediados na região de Vila Real, quer originários das vizinhas dioceses de Braga e do Porto.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, para além de uma breve caracterização socio-religiosa da diocese de Vila Real, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos subsistentes na região em estudo. Os pressupostos utilizados nesta análise correspondem aos que utilizámos nos volumes anteriores desta coleção. Consequentemente são explanados os seguintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surge um catálogo ilustrado com fotografias, maioritariamente a cores, de sessenta retábulos. A seleção dos exemplares recenseados neste catálogo teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos incluem-se exemplares de todas as vigararias, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos, aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVII e XVIII, época da qual sobrevive maior número de retábulos. No respeitante à sua qualidade, foi dada preferência não só aos exemplares mais representativos da diversidade funcional e morfológica, mas também aos que denotam algumas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, preferindo-se, sempre que possível, os retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de todos aqueles que gentilmente nos cederam diversas informações ao longo de vários anos, a seguir referenciadas por ordem alfabética: António José Oliveira, Armando Palavras, Eduardo Pires de Oliveira, Henrique Martins, João Carlos Vilaverde, José João Loureiro, Joaquim Inácio Caetano, Luís Alexandre Rodrigues, Marilita Fernandes, Natália Marinho Ferreira Alves, Paulo Ladeira, Pedro Vasconcelos Cardoso, Rui Mesquita Mendes, padre Salvador Parente, Virgolino Jorge e Vítor Serrão.

P<sup>TE</sup> DE GALIZIA



P<sup>TE</sup> DA PROV<sup>DA</sup> DO MINHIO



P<sup>TE</sup> DA PROV<sup>DA</sup> DA BEIRA



*Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. (...) fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos (...) Trás-os-Montes, pois assim se chama o Reino Maravilhoso (Torga, 1980, p. 27).*

*O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos*

Foto Marco Gomes



*a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a refletir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta* (Torga, 2001, p. 1218).





## Caracterização socio-religiosa da diocese de Vila Real

O território correspondente à diocese de Vila Real integrava-se na antiga província de Trás-os-Montes, da qual também fazia parte o bispado de Bragança-Miranda.

Região longínqua e acidentada, que desde os séculos XIV e XV surge designada como *aquém dos montes, trá-los montes* ou *trá-los montes e riba de Tâmega*<sup>1</sup>, *porque do reino de Galiza até o Douro de Norte a Sul atravessam uns montes muito altos, que parece estão cercando a província do Minho, como fazem os Alpes a Itália; e são de tanta eminência estes montes, que em muitas partes tem uma légua de subida áspera (...) fica esta província além daqueles montes, que lhe deram o nome*<sup>2</sup>.

Ainda em 1780-1781, o cronista José António de Sá na *Memória Académica* afirma que *a situação deu o nome à Província de Trás-os-Montes, porque fica a respeito do Minho de trás da montuosa serra do Marão, um ramo dos montes Pirenéus*<sup>3</sup>.

Na Idade Moderna, Trás-os-Montes era, juntamente com o Alentejo, a Extremadura, a Beira, o Minho e o Algarve, uma das seis províncias em que se dividia o espaço político-administrativo nacional.

Integra o que os geógrafos têm classificado como a Zona de Nordeste ou Terra Fria, que se continua pelas Beiras – também chamada Região Continental do Norte – mas também a parte que integra a Zona Quente, delimitada pelo lado do Minho, pela Zona Litoral Norte ou Região Atlântica do Norte. Do ponto de vista da cobertura vegetal, a Província é a zona por excelência da implantação do castanheiro, do carvalho negral, do carvalho português e nas terras mais húmidas, da oliveira e amendoeira<sup>4</sup>.

Nesta área geográfica sobressai o rio Douro, na sua relação simbiótica com a terra e o homem, tão bem cantada por Miguel Torga:

*Corre, caudal sagrado,  
Na dura gratidão dos homens e dos montes!  
Vem de longe e vai de longe a tua inquietação...  
Corre, magoado,  
De cachão em cachão,  
A refrescar olímpicos socalcos  
De doçura  
Quente.  
E deixa na paisagem calcinada  
A imagem desenhada  
Dum verso de frescura  
Penitente*<sup>5</sup>.

1 A. CARDOSO, 2004, p.28.

2 CASTRO, 1762, p. 55.

3 SÁ, 1780-1781, p.15.

4 CAPELA, 2005, pp. 32 e 33.

5 TORGA, 1994, p.413.





A presumível uniformidade que os planaltos e as altas montanhas lhe conferem é ilusória e esconde uma terra de profundos contrastes, tanto quanto às condições naturais de solo, relevo e clima, como aos fatores antrópicos: a atividade económica, a organização social e as práticas culturais da população.

O relevo mantém com o clima uma relação de influência biunívoca, omnipresente no quotidiano do homem transmontano, condicionando a sua relação com a terra, as práticas agrícolas, os tipos de propriedade, as culturas, estendendo-se às formas de povoamento e aos padrões de comportamento sociais e individuais. Esta questão reveste-se de enorme importância se atendermos a que no Antigo Regime a economia transmontana, tal como no resto do reino, é dominada pelo sector primário, agricultura e alguma pecuária.

As acentuadas disparidades da paisagem e do clima, ásperos planaltos e montanhas, de um lado e férteis vales e terras baixas do outro, originam não apenas distintas produções agrícolas, mas também estruturas sociais e práticas culturais diferenciadas, nas quais se inclui o consumo artístico muito ligado à vivência religiosa das comunidades.

Nos principais centros urbanos e nas zonas bafejadas pela riqueza surgiram as obras de maior erudição pelas mãos dos mais exímios artistas, na generalidade oriundos de Entre Douro e Minho. Nas periferias, as coletividades mais pobres recorreram preferencialmente a artistas locais ou forasteiros menos familiarizados com as inovações estéticas, os quais executaram obras vernaculares de cunho castiço e popular. No seu conjunto são responsáveis pela indelével marca do sotaque vila-realense.

Durante o Antigo Regime, o território em estudo integrava-se na sua quase totalidade no arcebispado de Braga. Dele viria a ser desagregada parte, para constituir a diocese de Vila Real, criada em 20 de abril de 1922 pelo papa Pio XI através da bula apostólica *Praedecessorum nostrorum sollicitudo*.

Até então na *diocese bracarense inscrevem-se totalmente os territórios de nove dos catorze concelhos. Dos cinco restantes concelhos, o de Mesão Frio está totalmente fora do arcebispado, pertence ao bispado do Porto; os restantes quatro concelhos repartem o seu território e freguesias por Braga e outras dioceses. Na parte setentrional Chaves e Valpaços repartem-se entre Braga e a diocese de Miranda do Douro e na parte meridional, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião (para além de Mesão Frio) repartem-se entre o Arcebispado de Braga e o Bispado do Porto*<sup>6</sup>.

A formalização da iniciativa da criação da diocese de Vila Real decorreu a cargo do arcebispo de Braga (1915-1923), D. Manuel Vieira de Matos. Para tal endereça um ofício em 31.01.1917 ao Núncio Apostólico Monsenhor Bento Aloisi Masella a pedir a ereção da mesma<sup>7</sup>.

Conforme o texto da bula que oficializou a sua criação, a diocese *destinava-se, pois, a facilitar o governo eclesiástico da região transmontana e a promover um maior incremento da vida reli-*

6 CAPELA, 2005, p.38.

7 MARQUES, 1996, p.366.

*giosa das populações pela estreita e direita cooperação dos féis e do clero com o prelado. As delimitações do novo bispado decalcavam, por determinação pontifícia, a linha configurativa do distrito*<sup>8</sup>.

A localidade de Vila Real, *a mais formosa e considerável povoação da província de Trás-os-Montes*<sup>9</sup>, foi eleita como sede e cátedra episcopal, sufragânea da arquidiocese de Braga e a igreja do antigo convento dos religiosos de São Domingos foi escolhida como catedral. D. Manuel Viera de Matos é nomeado administrador apostólico enquanto não teve pastor próprio e o seu primeiro bispo foi D. João Evangelista de Lima Vidal (1923-1933).

É delimitada pelas seguintes dioceses (ver p. 84): a Nascente Bragança-Miranda, a Sul Lamego, a Poente Porto e Braga e a Norte pelo bispado espanhol de Tui-Vigo, integrando oito arceprestados pelos quais estão distribuídas pouco mais de duzentas e cinquenta paróquias<sup>10</sup>.

Na Idade Moderna, conforme ocorria em todo o território nacional, a vida das populações, nas suas várias dimensões era enquadrada e muito influenciada pela estrutura eclesiástica então existente. A nível local destacava-se a figura do pároco por ser quem estava em contacto direto com o dia a dia das comunidades, especialmente nas paróquias rurais. Os curas estavam presentes em todos os acontecimentos importantes da vida: batismo, casamento, morte, confissão, a eucaristia e a unção dos enfermos. Competia-lhes catequizar e a importância da religião no quotidiano é expressa no peso que os eclesiásticos detinham na população global. No caso concreto da província trasmontana *para um total de setenta e sete mil duzentas e setenta e cinco pessoas nos fins do século XVIII, 1,3%, ou seja, três mil duzentas e trinta e oito eram eclesiásticos*<sup>11</sup>, dos quais cerca de 90% seculares.

Entre os representantes locais do poder clerical existia uma hierarquia patente nos títulos que detinham e que remetiam para desiguais níveis de rendimentos, com a respetiva diferenciação de estatuto, muito embora as responsabilidades pastorais e eclesiais fossem as mesmas. No topo da hierarquia, com maiores rendimentos, estão os *abades que participam ou recebem e têm acesso no todo ou em parte ao rendimento dos dízimos destes benefícios eclesiásticos. Os restantes párocos (priors, reitores, vigários e curas) constituem os seus rendimentos, em regra, tão só nas côngruas (pagas pelos titulares/padroeiros dos dízimos), nos direitos paroquiais (pé do altar e outros), nas rendas dos bens da igreja e nas do seu próprio património, que lhes conferem rendimentos muito aquém dos abades*<sup>12</sup>.

Cumpram também referir os detentores das comendas, concedidas pelo rei, quer a membros da nobreza, quer a instituições religiosas. Numa descrição de Trás-os-Montes, de 1739, é referido que *a maior parte de suas terras pertence por doações dos senhores reis deste reino*

8 MARQUES, 1996, p.366.

9 FREIRE, 1739, p. 46.

10 URL: <https://www.diocese-vilareal.pt/a-diocese/historia/>.

11 J. SERRÃO, 1976, p. 753.

12 CAPELA, 2005, p.83

*a donatários particulares, como são a sereníssima Casa de Bragança, a do Infantado, a dos marqueses de Távora, a dos senhores de Murça e Vila Flor e muitos outros*<sup>13</sup>. A esta lista podemos acrescentar a Casa de Marialva/Cantanhede, a Casa de Abrantes/Penaguião, a Casa de Atouguia, a Mitra bracarense, a Universidade de Coimbra, etc.

Era da competência de alguns destes donatários custear a construção e a manutenção da capela-mor da igreja matriz ou paroquial da freguesia e de todos os equipamentos do seu interior, entre os quais o retábulo principal, bem como da sacristia, em contrapartida dos proventos recolhidos anualmente. Por vezes sucedia a comparticipação dos encargos entre dois usufrutuários diferentes ou verificava-se pouca vontade, por parte dos mesmos, de acudir às suas responsabilidades pelo que o pároco cativava os rendimentos que lhes correspondiam, por imposição dos visitantes eclesiásticos.

No território analisado neste estudo estabeleceram-se poucas casas religiosas, quer masculinas, quer femininas. Nas igrejas do clero regular as obras do interior da capela-mor e todos os equipamentos associados, incluindo o seu retábulo, estavam sob a alçada da comunidade religiosa, salvo raras exceções em que algum instituidor particular chamava a si essa obrigação, com a finalidade que a ousia do templo servisse de lugar de enterramento para o próprio ou familiares próximos. Foi esta a situação verificada no convento de São Francisco de Vila Real, que desde a sua fundação passou por vários padroeiros, um dos quais o marquês de Vila Real D. Manuel de Meneses, cujo filho foi sepultado na capela-mor.

Em maior número foram os **franciscanos**. Em Vila Real, os religiosos da Província da Conceição chegaram em 1573<sup>14</sup>. Após a sua extinção, o antigo cenóbio acolheu o Regimento de Infantaria nº 13 e atualmente alberga a Divisão Territorial de Vila Real da GNR. As **clarissas** instituíram o convento de Nossa Senhora do Amparo, em 1602<sup>15</sup>.

Em Chaves, o convento franciscano da invocação de Nossa Senhora do Socorro, da Província da Soledade, foi fundado em 1673. Localizava-se numa colina que sobrepujava a cidade medieval, *a meia légua de Chaves*<sup>16</sup>, subsistindo ainda a igreja, que foi cedida à ordem terceira de São Francisco. As **religiosas capuchas da Conceição de Maria** sediaram-se no convento de Nossa Senhora dos Anjos, em 1685<sup>17</sup>.

No Mesão Frio fixaram-se em 1734<sup>18</sup>. Desde 1834, no extinto cenóbio funcionam várias repartições públicas do poder judicial, administrativo e autárquico, remanescendo a igreja.

Os **benedictinos** detiveram somente dois conventos, o de religiosos de Pitões das Jú-

13 FREIRE, 1739, p. 41.

14 CASTRO, 1763, p. 71.

15 CASTRO, 1763, p.77.

16 CASTRO, 1763, p.117

17 CASTRO, 1763, p.79.

18 CASTRO, 1763, p. 104.

nias – Montalegre e o de religiosas em Murça. O primeiro foi fundado no século XII, tendo adotado a regra de Cister em meados do século XIII. Escolheram para fundação uma zona rural com capacidade para garantir a autossuficiência comunitária, como era próprio da Ordem. Hoje encontra-se arruinado. O segundo remonta a 1587<sup>19</sup>, sendo atualmente um dos edifícios da Câmara Municipal.

Os religiosos **dominicanos** chegaram a Vila real em 1524<sup>20</sup>, quando iniciaram as obras do seu convento, extramuros. Alvo de um violento incêndio em 1837, que destruiu grande parte do recheio, só viria a ser restaurado nas décadas de 1930 a 1950, albergando uma das paróquias citadinas. A partir da criação da diocese, em 1922, o templo passou a servir de sede da diocese.

Os **hospitalários** também se instalaram em Chaves<sup>21</sup>, nos meados do século XVII, destinando-se o hospital aos soldados e oficiais dos Regimentos de Infantaria e Cavalaria da guarnição da Praça de Chaves. O convento denominava-se São João de Deus e era dirigido por freires da Ordem de São João de Malta.

Por sua vez, os **carmelitas descalços**, em 1758, administravam o recolhimento de Nossa Senhora das Dores, em Vila Real.

Em 1834, no âmbito da *Reforma geral eclesiástica*, empreendida pelo ministro e secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837), pelo Decreto de 30 de maio, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas sujeitas aos respetivos bispos até à morte da última freira, data do encerramento definitivo. Os bens foram incorporados na Fazenda Nacional.

Detentores de amplos poderes de intervenção social, as autoridades eclesiásticas desenvolveram uma ação que, no quotidiano, reforçava os laços de pertença à comunidade. O seu comprometimento na vida local foi em regra muito mais acentuado e eficaz no controlo comportamental que o dos dirigentes civis, designadamente, através da rede de paróquias (como já referimos anteriormente), mas também das **confrarias, irmandades e ordens terceiras**. Se algumas destas instituições eram exclusivas de determinados grupos sociais ou profissionais, por exemplo a de São Pedro dos Clérigos, outras acolhiam todos os fregueses. Verificamos que as pessoas mais abastadas e de maior prestígio ingressavam nas confrarias do Santíssimo e nas ordens terceiras de São Francisco e de Nossa Senhora do Carmo, onde desempenhavam cargos diretivos.

Estas agremiações sediavam-se, normalmente, em capelas existentes nas igrejas paroquiais ou conventuais, passando a ser responsáveis pela sua manutenção e pelo custeio do respetivo retábulo. Só em casos pontuais decidiam autonomizar-se construindo um tem-

---

19 CASTRO, 1763, p.61.

20 CASTRO, 1763, p. 100.

21 CASTRO, 1763, p. 109.

plo próprio, como sucedeu com a ordem terceira de São Francisco, em Vila Real. Instituída em 1670, ocupou uma capela, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco, até que em 1680 teve a sua própria. Situação curiosa foi a ocorrida com a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, na mesma cidade, que durante algum tempo, na segunda metade do século XVIII, dispunha de duas irmandades, uma instalada numa capela da igreja da Santa Casa da Misericórdia (ver p. 140) e outra na igreja de São Pedro, até que *por aviso régio de 29 de fevereiro de 1779, foi dissolvida a confraria da Misericórdia e confirmada a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, instalada definitivamente, segundo Ribeiro de Castro, em 1782, que viu os seus estatutos reconhecidos pelo geral dos Carmelitas Descalços em 1792 e construiu templo próprio, já no século XIX*<sup>22</sup>.

Pertencer a uma irmandade permitia *uma proteção corporativa que implicava na assistência espiritual e material (...) responsabilizavam-se pela prestação dos seguintes serviços piedosos: socorro em caso de doença, viuvez ou desgraça pessoal; preparação e execução de cortejos fúnebres e enterros solenes; celebração de missas em sufrágio da alma e concessão de sepultura em solo sagrado o que era feito com beneplácito da paróquia. Por sua vez, os irmãos agremiados deveriam cumprir uma série de deveres, a saber: pagar a taxa de matrícula estipulada pela confraria, quitar as anuidades estabelecidas em compromisso, acompanhar os funerais dos irmãos falecidos e rezar por suas almas, participar das festas e celebrações realizadas em louvor do padroeiro da associação religiosa*<sup>23</sup>.

No papel assistencial destacam-se as misericórdias, surgidas em Portugal na passagem do século XV para o XVI, rapidamente difundidas pelo mundo português, e cuja origem remonta às confrarias de caridade medievais: *instituições estas que, desde logo, foram dotadas de amplos privilégios, recebendo terrenos, casas e rendas, etc., das câmaras ou do rei, e incorporando na sua administração, não raras vezes, os hospitais existentes nos concelhos*<sup>24</sup>.

Na província transmontana, as misericórdias foram projetos acarinhados pelas suas mais ilustres personalidades, os condes de Vila Real na comarca vila-realense e a Casa de Bragança em Chaves e Bragança. A situação financeira periclitante da Santa Casa de Vila Real em relação à de Chaves é manifestada na descrição de Trás-os-Montes, de Columbano Pinto Ribeiro de Castro, em 1795, na qual menciona que *a misericórdia de Chaves (...) tinha de rendimento anual 300\$000 réis e que a ordem terceira de São Francisco de Vila Real arrecadava 3.942\$600 réis por ano, ao passo que a Misericórdia de Vila Real era de pouco rendimento*<sup>25</sup>. Como situação ímpar refere-se o caso de Vila Real na qual a irmandade da Santa Casa da Misericórdia praticou o serviço fúnebre *até finais de Setecentos, em regime de exclusividade, na prática, o que constituía uma importante fonte de rendimentos, uma vez que cada enterro, no século XVIII, oscilava entre 2\$400e 4\$800 réis. Este privilégio, fundamentado na tradição, acabou por ser contestado pela ordem terceira de São Francisco de Vila Real, que reivindicou o direito de enterrar os seus*

22 SOUSA e FERREIRA ALVES, 2011, p. 57.

23 CAMPOS, 2011, p.96.

24 SOUSA e FERREIRA ALVES, 2011, p. 9.

25 SOUSA e FERREIRA ALVES, 2011, p. 78.

*irmãos em esquife próprio, o que lhe veio a ser concedido na viragem de Setecentos para Oitocentos*<sup>26</sup>.

A confraria das Almas era na generalidade administrada pelos mesterais. Apesar de não constar referência da sua existência em todas as paróquias, podendo não ser *de jure*, sê-lo-ia *de facto*, pois não havia alma que escapasse à humana condição da morte e consequente necessidade de enterramento. Não sendo tarefa exclusiva desta confraria, servia, contudo, como salvaguarda, nomeadamente nos casos de pessoas que não pertencessem a uma agremiação (um forasteiro por exemplo que ali falecesse). Acresce que no dia 1 de novembro as pessoas eram chamadas à igreja, a assistir à celebração de missa pelas almas e o toque de chamamento estava a cargo desta imprescindível instituição.

De grande relevância na confirmação e vivência da religiosidade popular foram as procissões, sendo a mais importante a do Corpo de Deus, celebrada sessenta dias depois da Páscoa, na quinta-feira a seguir ao primeiro domingo depois do Pentecostes. Era um acontecimento social de enorme proeminência, constituindo uma verdadeira mostra da sociedade, que tinha como centro de referência o Santíssimo Sacramento sob o pálio. Organizava-se criteriosamente, por ordem crescente de importância dos vários corpos sociais intervenientes, ou seja, os mais importantes apareciam em último lugar. As diversas corporações de mesterais e confrarias aproveitavam esta celebração para exhibir o seu prestígio, a saber, disputando alguns privilégios e o próprio lugar a ocupar nos cortejos.

Para além do Corpo de Deus destacavam-se as procissões realizadas no período entre a Quaresma e a Semana Santa, designadamente, a do Triunfo organizada pela ordem terceira do Carmo, a do Senhor Morto da responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia e a das Cinzas a cargo dos terceiros de São Francisco, que eram de facto as irmandades que contavam com as mais eminentes individualidades de cada localidade.

Importa realçar a dimensão festiva associada a estes eventos pois, quanto à população, *alguns emigram (...) os que ficam, cavam a vida inteira (...) alegrias gratuitas têm poucas. Embebedam-se nas festas e nas feiras*<sup>27</sup>. É nas festas cristãs que se revelam as melhores formas de expressão da religiosidade popular: *a dimensão festiva é uma das mais evidentes da religiosidade popular. Não é necessário demonstrá-la, nem sequer mostrá-la. Está aí bem à vista. A religiosidade do povo consiste, antes de tudo, no circuito interminável das suas festas, festividades e festejos decorrentes, suas celebrações, solenidades, funções, cerimónias, negócios, romarias, procissões*<sup>28</sup>.

À solenidade das grandes festas religiosas, cuja celebração é particularmente vivenciada no interior dos templos, acrescem os votos e as romarias, que acompanhados com cantos e danças, desempenham uma função social de extrema importância como elemento agregador da comunidade: *as festas dos padroeiros veiculam ainda um outro valor (...) a opor-*

26 SOUSA e FERREIRA ALVES, 2011, p. 40.

27 TORGA, 1980, pp.37 e 38.

28 MALDONADO, 1975, p.193.

*tuniade que são de reagrupamento social*<sup>29</sup> Desenvolvem-se no quadro paroquial, outras no quadro supra paroquial, outras mesmo num quadro amplamente regional<sup>30</sup> e centram o essencial da devoção e festividade no palco paroquial, primeiramente à volta da festa do orago: *padroeiros da nossa devoção! São tantos, e não chegam para os milagres de que necessitamos*<sup>31</sup>.

Também D. Manuel Clemente lembra que *as celebrações dos padroeiros são profundamente vividas nalgumas comunidades locais, envolvendo frequentemente comemorações religiosas e profanas (...). Então, toda a vida era ao mesmo tempo uma coisa e outra, ou melhor, todos os acontecimentos se enquadravam numa dimensão religiosa que lhes dava significado mais profundo*<sup>32</sup>.

Entre inúmeras romarias, individualizamos quatro:

-A de Nossa Senhora da Piedade, em Sanfins do Douro, em que *o enorme e pesado andor onde se transporta a santa padroeira é leiloado entre o grupo dos novos e o grupo dos velhos. O grupo que conseguir arrematar o andor terá o privilégio de o carregar no dia da Procissão de gala à Senhora da Piedade pelas ruas da vila. Os resultados deste leilão são sempre somas avultadas que revertem a favor do santuário. Festa de cinco dias com muita folia musical e belos espetáculos pirotécnicos, realizada no segundo fim de semana de agosto*<sup>33</sup>.

-A de São Salvador do Mundo, que se realiza no segundo domingo de agosto, é uma das mais peculiares de toda a região. *O Divino Salvador do Mundo, como é apelidado pelos mais antigos, é caracterizado por ser uma celebração religiosa que envolve os paroquianos e todo o seu gado. No dia da festa, as gentes da aldeia, próximas e distantes, levam aí o gado bovino a cumprir a promessa, fazendo-o dar nove voltas em torno da capela, carregando por vezes sacos de cereal, centeio ou milho, amarrados à cabeça, como forma de agradecimento ao santo pela proteção que lhe prestou. De seguida, os animais são benzidos pelo padre e permanecem às centenas, espalhados e próximos da capela até ao final das cerimónias. É uma romaria de cariz e enraizamento popular, mas com um profundo traço religioso, que chega intacta até aos nossos dias*<sup>34</sup>.

-A de Nossa Senhora dos Prazeres, na freguesia de Arroios, concelho de Vila Real. *Em dia de Nossa Senhora dos Prazeres acode muita gente de romagem à capela da sobredita Senhora por estar nesse dia exposto o corpo de São Marcos Mártir, irmão de São Marceliano e além deste dia em toda a roda do ano concorrem romeiros a visitar o mesmo Santo que a todos se abre o seu caixão para o verem*<sup>35</sup>.

-A de Nossa Senhora da Pena, em Mouçós, *que tem a particularidade da altura fora do comum dos seus catorze andores (...). Destaca-se o andor da Senhora da Pena pelos cerca de vinte metros de altura, homenageando assim as localidades da freguesia. (...) já séculos de história, uma vez que se realizava antes de existir a atual capela da Senhora da Pena, que começou a ser construída em 1755. O*

29 CLEMENTE, 2013, p. 33.

30 CAPELA, 2005, p.92

31 TORGA, 2001, p. 1526.

32 CLEMENTE, 2013, p. 31 e 33.

33 CAPELA, 2005, p.224.

34 CAPELA, 2005, p.224.

35 CAPELA, 2005, p.224.

*padre Joaquim Alves Ferreira, citando um documento existente na Torre do Tombo refere: à qual capela concorre muita gente em romaria, pelos muitos milagres que a Senhora tem feito e está fazendo<sup>36</sup>.*

*Nas romarias, verdadeiramente, não se divertem. Pagam nelas o dízimo espiritual ao santo ou à santa com quem têm contratos pelo ano fora, e fazem a barrela das suas relações humanas. A capela da devoção fica no alto do mais alto monte que rodeia a freguesia. E eles sobem então pela serra acima, quer à vara do pálio, quer a alombar o andor, quer de joelhos, a abrir uma chaga de sofrimento no corpo pecador. Sobem numa penitência inteira. Ao descer, vêm numa manta, esfaqueados. Dessas mortes ficam pelos caminhos memórias de pedra com alminhas do purgatório a pedir orações, que são a História íntima do reino resumida em padre-nossos. A outra, toda feita de lendas e fantasia, tem o seu tombo no coração dos que são poetas, e conta-se nas fiadas (TORGA, 1980, p. 39). Sim, fui sempre um poeta empenhado na minha liberdade e na dos outros (TORGA, 2001, p. 1524).*

Mouços (Vila Real).  
Andor da procissão  
de Nossa Senhora da  
Pena.  
Foto Telmo Carquejo.



36 RIBEIRO, 2004, pp. 128 e 129





*Fer. Ribeiro*



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Pormenor de retábulo lateral.

## Retábulos na Diocese de Vila Real.

Dando continuidade aos nossos estudos anteriores, a presente abordagem assenta em diversos critérios, que serão apresentados de seguida, um a um, de forma objetiva, simples e acessível a qualquer leitor.

### Localização

Se em certos casos havia liberdade de escolha, noutros era obrigatória a colocação do retábulo em determinados espaços. Por exemplo, as comunidades monástico-conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que tutelavam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor, pois era onde se celebravam os exercícios espirituais da sua responsabilidade. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em templos que não eram da sua administração, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se. Caso não houvesse capelas por ocupar, mandavam executar uma nova, como ocorreu por exemplo, em 1722, na igreja de Santa Valha, no concelho de Valpaços, em que o morgado dos Ciprestes, Jerónimo de Morais Castro Sotomaior obteve licença para *abrir um arco lateral na igreja matriz e aí mandar fazer à sua custa uma capela dedicado ao Ecce Homo*<sup>37</sup> (ver p. 113).

Convém referir que a existência de dois ou mais retábulos na mesma igreja permitia a celebração simultânea de diversas missas, quer para sufragar as almas dos defuntos, quer por obrigação diária dos religiosos. Nos templos com maior afluência de fiéis justificava-se a existência de múltiplos retábulos. Por exemplo, *em Vila Real, por 1721, eram rezadas anualmente, perto de quatro mil e quinhentas missas perpétuas, distribuídas pelas igrejas e capelas da vila (...) nas igrejas e capelas do termo o número de missas apresentava valores mais modestos, ligeiramente acima das duas mil*<sup>38</sup>.

Vejamos os diversos locais disponíveis para a colocação dos retábulos, de acordo com os exemplos encontrados.

-Capela-mor:

Era onde, obrigatoriamente, se situava o altar principal, sendo a sua encomenda e posterior gestão da responsabilidade da entidade que tutelava o templo. Tratava-se do espaço mais proeminente, pois possibilitava que aí estivesse o retábulo de maiores dimensões.



Vila Real. Igreja da Misericórdia. Retábulo lateral.  
Foto SIPA 131819



Santa Leocádia (Chaves). Igreja paroquial. Retábulo-mor.  
Foto SIPA 668376

<sup>37</sup> RODRIGUES, 2010-2012, p. 315.

<sup>38</sup> SOUSA e GONÇALVES, 1987, p. 162.

Se na generalidade das situações, o retábulo preenche a totalidade da parede testeira, nos templos que utilizam capelas-mores semicirculares ou poligonais ocupa normalmente o tramo central, conforme ocorre na igreja de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real (ver p. 110).

A partir dos meados do século XVII, passou a situar-se, maioritariamente nos retábulos principais, o camarim ou a tribuna preenchida por um trono escalonado, local destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Encontramos exemplos nas igrejas paroquiais de Santa Maria da Feira, em Constantim - Vila Real (ver p. 97) e de Santo André, em Sanhoane - Vila Pouca de Aguiar.

Em determinadas circunstâncias pouco frequentes, a parede testeira da ousia era preenchida por retábulos triplos, tipologia promovida exclusivamente pelas irmandades das Misericórdias, em que os três exemplares se interligam, como se estivéssemos perante um único retábulo. Testemunho, de grande relevância, encontra-se na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Chaves (ver p. 112).

Restritos são os casos em que a parede fundeira era ocupada por três retábulos diferenciados, por exemplo na ermida de São Sebastião, em Cimo da Vila de Castanheira - Chaves (ver p. 101).

-Arco triunfal:

Na maioria dos templos de nave única, o frontispício era preenchido por dois altares colaterais que se situavam nas ilhargas do arco triunfal ou arco cruzeiro. Quando a nave era ligeiramente mais larga do que a capela-mor, localizavam-se de viés, no ângulo entre o frontispício e as paredes laterais da nave. Interessante testemunho encontramos na igreja paroquial de Provesende (ver pp. 126 e 127). Os retábulos colaterais resultavam da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo. Ao utilizarem, predominantemente, o mesmo projeto ou risco dignificavam o frontispício interior da igreja.

Na região em estudo foi bastante usual interligar os dois retábulos colaterais ao arco triunfal. Veja-se, entre inúmeros testemunhos, o da igreja paroquial de São Miguel de Lobrigos - Santa Marta de Penaguião (ver p. 118) e o da igreja paroquial de Pensalvos - Vila Pouca de Aguiar.

Individualizamos o arco triunfal da igreja paroquial de São Nicolau, no Mesão Frio, atendendo a que se prolonga pelo intradorso das arcadas laterais (ver p. 108), resultando numa solução ímpar.

-Outras capelas na cabeceira:

Nos templos com capelas na cabeceira, encontramos também retábulos nas paredes fundeiras, como acontece na capela do Santíssimo Sa-



Sanhoanhe (Santa Marta de Penaguião).  
Igreja paroquial. Retábulo-mor.



Pensalvos (Vila Pouca de Aguiar).  
Igreja paroquial.  
Arco triunfal retabular.  
Foto SIPA 183927

cramento, na igreja matriz de Santa Maria, em Chaves (ver p. 75).

- Nave(s):

Os diversos altares secundários passaram a situar-se preferencialmente nas paredes laterais ou então nas capelas situadas no corpo da igreja, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis. Se até meados do século XVIII cada entidade promovia a construção de um retábulo individualizado, a partir desta data, na sequência da diminuição de recursos financeiros, assiste-se a uma tendência para usarem o mesmo risco ou projeto, diferenciando-se somente a representação do orago. Entre numerosos retábulos laterais mencionamos os da igreja paroquial da Cumieira - Santa Marta de Penaguião (ver p. 131) e os da igreja paroquial de Provesende - Sabrosa.

-Sacristia:

A sacristia era da responsabilidade da entidade que administrava o templo. Nela estavam os móveis onde se guardavam as alaias religiosas e os sacerdotes se paramentavam para celebrar os diversos ofícios religiosos. Na maioria das situações havia um oratório, conforme se verifica na igreja de São Paulo dos Clérigos, em Vila Real (ver p. 109) e na igreja paroquial de São Nicolau, em Mesão Frio.

-Consistórios ou Casas do Despacho:

Algumas igrejas, nomeadamente as que eram administradas por irmandades e ordens terceiras, dispunham de uma sala para a reunião dos irmãos da Mesa, na qual havia normalmente um retábulo, como o que é referenciado na igreja da irmandade dos clérigos ou Capela Nova, em Vila Real.

-Sala do Capítulo:

Nos edifícios monástico-conventuais também a sala capitular era provida de um retábulo. É testemunho o que existia no convento de São Francisco, em Vila Real, da invocação do Senhor Crucificado<sup>39</sup>.

-Coros:

Nos templos anexos a edifícios monástico-conventuais havia um ou mais retábulos nos coros, quer no alto, quer no baixo, de modo a que os membros dessa comunidade pudessem daí assistir à celebração de alguns ofícios, conforme sucedia no coro-alto da igreja do extinto convento de São Francisco, em Chaves.

-Claustro:

No claustro das colegiadas e dos edifícios monástico-conventuais



Provesende (Sabrosa).  
Igreja paroquial. Retábulo lateral.  
Foto SIPA 985434



Mesão Frio. Igreja paroquial.  
Oratório da sacristia.

<sup>39</sup> FIGUEIREDO, 2009.

era normal haver retábulos, por regra em pequenas capelas, algumas pertencentes a instituidores particulares. São exemplos os que existiram no convento de São Francisco, no Mesão Frio.

-Portarias:

Alguns cenóbios dispunham de retábulos na portaria, como o que existia, em 1721, no convento de São Domingos, em Vila Real: *o padre Francisco Matoso Mourão instituiu uma capela da invocação de São Francisco no sítio da portaria deste convento (...) e dentro tem seu retábulo dourado, com a imagem do dito santo, de vulto, muito bem esculpida*<sup>40</sup>.

-Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais:

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais também eram dotadas de retábulos. Como exemplo referimos o que estava na capela de Santa Ana, na cerca do mosteiro de São Bento, em Murça.

-Capelas anexas à cadeia pública:

O único testemunho que conhecemos é a de Nossa Senhora dos Cativos, defronte das Casas da Câmara e Cadeia, em Vila Real.

-Capelas privativas de habitações senhoriais:

Alguns setores da população, de elevado estatuto social (nobres, mercadores ou clérigos), detinham capelas privativas incorporadas nas suas habitações, nas quais avultava obrigatoriamente um retábulo na parede testeira do presbitério, conforme ocorre na de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Pouca de Aguiar e na capela do solar dos Montalvões, em Outeiro Seco - Chaves.

-Enfermarias:

Os hospitais, maioritariamente administrados pelas irmandades da Santa Casa da Misericórdia, possuíam, para além de uma igreja autónoma, enfermarias para os doentes, que dispunham de retábulos destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos, conforme sucedia no Hospital de São João de Deus, em Chaves.

-Cemitérios:

A maioria dos defuntos era enterrada no pavimento das igrejas ou de capelas privativas. Dos poucos cemitérios existentes referimos o do convento de São Francisco, em Vila Real, que albergava dois altares dedicados ao *Ecce Homo* e a Santa Rosa de Viterbo<sup>41</sup>. No século XIX, após



Vila Pouca de Aguiar.  
Capela de Nossa Senhora da  
Conceição. Retábulo.  
Foto SIPA 42465



Outeiro Seco (Chaves).  
Solar dos Montalvões. Retábulo.  
Foto SIPA 1059524

40 SOUSA e GONÇALVES, 1987, pp. 316 e 317.

41 FIGUEIREDO, 2009.

o aparecimento dos cemitérios públicos surgem modestos retábulos, quer na capela mortuária, quer em jazigos privados. Entre estes últimos individualizamos, no Peso da Régua, o da família de D. Antónia Ferreira *segundo gosto seguido em algumas capelas do cemitério da Lapa nessa cidade*<sup>42</sup>(Porto).

-Retábulos portáteis ou amovíveis:

Resta-nos, por fim, referir alguns espécimes de pequenas ou médias dimensões, característicos da Idade Média e do século XVI, que normalmente estavam guardados nas sacristias e que somente eram expostos sobre o altar quando se celebravam os ofícios religiosos. Um dos poucos testemunhos remanescentes é o tríptico da igreja matriz de Murça.

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes habitualmente na casa de particulares e que eram restritos às orações familiares.



Murça. Igreja paroquial. Tríptico do Calvário. Foto Academia Nacional de Belas Artes.

<sup>42</sup> QUEIROZ, s.d., p. 124.

### Usos e funções

A partir do património retabular sobrevivente, é possível proceder à sua análise tendo em conta os diversos usos ou funções litúrgicas que foram desempenhando, alguns com mais do que uma função.

Cumprir, no entanto, diferenciar os retábulos, quer porque alguns eventos só podiam ser realizados num determinado altar, quer pelos diferentes conteúdos exibidos.

Apresentamos, de seguida, as diversas situações detetadas, tendo em conta a função predominante.



Pensalvos (Vila Pouca de Aguiar).  
Igreja paroquial.  
Retábulo devocional a um só tema.  
Foto SIPA 183930

### Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a sua dispersão na observação dos ciclos figurativos, quer em pintura, quer em relevo escultórico, incluídos nos vários intercolúneos dos retábulos. Foram sempre usados, no entanto, passaram a ser da preferência da maior parte da clientela a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII. São exemplos os colaterais da igreja paroquial de São Martinho, em Bornes de Aguiar - Vila Pouca de Aguiar (ver p. 94) e alguns laterais da igreja de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real.

### Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa aos devocionais a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes retábulos tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, os tramos laterais tanto podiam ser preenchidos por pintura, como escultura.

A título de exemplo indicamos o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora das Brotas, em Chaves (ver p. 92) e o da ousia da capela de Santo António, em Ardãos - Boticas (ver p. 103).



Peso da Régua. Capela de Nossa Senhora da Graça. Retábulo devocional a três temas.  
Foto SIPA 841288

### Eucarísticos

Os *sepulcros*, como vulgarmente eram conhecidos, principiaram por ser equipamentos amovíveis, destinados à exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento na quinta-feira santa ou de *Endoenças*, montando-se e desmontando-se anualmente.

O aparecimento do *Jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do sé-

culo XVII<sup>43</sup>, levou a que a larga maioria dos *sepulcros* passassem a ser permanentes ou *perpétuos*. Como tal serviam para expor, na quinta-feira santa, uma urna com a reserva eucarística para o dia seguinte, e nas restantes solenidades uma custódia com uma hóstia consagrada. O local escolhido para montar permanentemente os *sepulcros*, também designados na documentação por *tronos*, *peanbas* ou *pirâmides*, foram os camarins ou *tribunas*, incorporados no centro da composição retabular, a partir da década de 1630, já vigorando o Protobarroco. O exemplar mais antigo, ainda subsistente, é o da capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria da Feira, em Constantim, no termo de Vila Real (ver p. 97), que apresenta como especificidade o facto de o sacrário ser rotativo e de exibir quatro faces com a representação de diversos passos da Paixão de Cristo: a Prisão de Jesus, a Flagelação, o Calvário e a Ressurreição.

Os retábulos eucarísticos, isto é, destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento *nas ocasiões das Endoenças e em todas as mais em que se expõem o Santíssimo Sacramento* tanto podiam ter corpo único e um só tramo, como apresentar uma composição tripartida. Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. Nas ocasiões solenes as cortinas ou a tela com a pintura figurativa eram retiradas e no trono colocava-se uma custódia ou uma urna com a hóstia consagrada e procedia-se à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Nas exposições de menor relevância, a custódia era somente colocada à boca do sacrário.

Nas igrejas matrizes ou paroquiais o culto ao Santíssimo era da incumbência das confrarias ou irmandades homónimas, onde estavam inscritos os fregueses de maior prestígio.

Já nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era promovido pelos dirigentes de cada comunidade religiosa.

Algumas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo, tendo mandado construir retábulos eucarísticos na capela-mor do templo que administravam. Referimo-nos às irmandades da Misericórdia e às ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco e pontualmente a outras agremiações, como ocorreu, por exem-



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial.  
Retábulo-mor. Sacrário rotativo.



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial.  
Retábulo-mor. Sacrário rotativo.

<sup>43</sup> O primeiro ocorreu em 1608, tendo sido realizado pelos Carmelitas Descalços em Lisboa, nomeadamente pelo padre provincial rei Pedro da Anunciação: *armaram a igreja às mil maravilhas, prepararam excelente música, fizeram um trono majestoso para ali aparecer em público o rei dos céus e da terra e adornaram os altares com muita variedade de cheiros e perfumes (...). E os muito reverendos padres da Companhia foram os que mais se alegraram nos louvores da obra e se adiantaram na sua imitação pois no ano seguinte de 1609 imitaram-na em São Roque, sendo Prepósito o muito Reverendo Padre Jerónimo Dias* (Santa Ana, I, 1657, pp. 460 a 463).



Provesende (Sabrosa). Igreja paroquial. Retábulo colateral. Sacrário relicário.



Mesão Frio. Igreja paroquial. Retábulo colateral. Sacrário relicário.



Vila Real. Igreja dos Clérigos. Retábulo-mor. Agnus Dei, datado de 1692.

plo, na igreja de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real (ver p. 110).

### Relicários

Como referimos num estudo anterior<sup>44</sup>, a posse de relíquias estava reservada a algumas elites, sendo reduzido o número de retábulos destinados à sua exposição. Lembramos que as relíquias eram adquiridas essencialmente por membros da nobreza e por altos dignitários religiosos, encontrando-se a maior parte dos retábulos e oratórios relicários nas igrejas mais prestigiadas, designadamente nas monástico-conventuais e nas sés.

Se certos relicários estavam guardados em armários, na situação mais frequente eram inseridos no interior de retábulos, dentro de lóculos ou nichos, muitas vezes dotados de portas ou tapados por uma tela pintada. Foi também usual posicionar-se os relicários em oratórios de sacristias, que assentavam no arcaz, por exemplo o que existia nos meados do século XVIII, no convento de São Francisco, em Vila Real: *sobre ele fica um nicho, em que está colocado um meio corpo com relíquias dos ossos dos Santos Mártires de Marrocos (...)* Em outro nicho, que fica no meio do espaldar dos caixões, se veneram também em dois meios corpos as relíquias de São Vito e Faustino, mártires<sup>45</sup>.

Em relação à disposição das relíquias no próprio retábulo deparamos com diferentes situações. Na mais frequente os lóculos ou nichos expõem-se nos tramos laterais, sendo o tramo central ocupado por um nicho com a imagem de vulto perfeito do orago do altar. Era menos frequente as relíquias estarem guardadas num sacrário existente no centro do banco ou da predela, conforme ocorre nos altares colaterais da igreja paroquial do Mesão Frio. Muito pouco usual era a possibilidade de se expor um corpo inteiro de um mártir ou de um santo, quer no interior da mesa do altar, quer no centro da composição retabular.

Alguns retábulos dispunham de *Agnus Dei* ou partículas de *cera benzida e consagrada com o sagrado crisma pelo Sumo Pontífice*, como se verifica na porta do sacrário do retábulo da capela-mor da igreja de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real, que tem inscrita a data de 1692.<sup>46</sup>

Dos vários retábulos relicários ainda subsistentes na região em estudo, apontamos o *santuário* da sacristia da igreja de São Paulo, em Vila Real (ver p. 109), os colaterais da igreja paroquial de São Nicolau, no Me-

<sup>44</sup> LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016.

<sup>45</sup> FIGUEIREDO, 2008, doc. 237.

<sup>46</sup> PARENTE, 2015, p. 27.

são Frio (ver p. 108) e o de Nossa Senhora da Piedade, em Sanfins do Douro, no concelho de Alijó..



Sanfins do Douro (Alijó). Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Retábulo relicário. Na mesa do altar encontra-se depositado o corpo de Sebastião Maria, localmente conhecido como o santo moleiro.

## Iconografia

O caráter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior gestão.

A própria estrutura arquitetónica usada na composição dos retábulos e os respetivos campos decorativos dignificam e nobilitam os conteúdos iconográficos que se pretendiam proporcionar aos fiéis, registando-se para cada época uma intencionalidade específica.

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os mais importantes localizam-se no retábulo principal, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes retábulos. Por sua vez, no mesmo retábulo os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, designadamente no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos alguns temas mais genéricos, a saber símbolos eucarísticos (cachos de uvas, espigas de trigo, fénix, etc.), os quatro Evangelistas, figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), grotescos (alusões ao mundo antigo), figuras híbridas, seres fantásticos, medalhões, efígies, animais diversos (ratos, lebres, serpentes, peixes, mochos), personagens com expressões particulares e adereços locais, etc.

Em relação às divisas das entidades promotoras da feitura e posterior administração dos retábulos, verificamos que em muitos exemplares houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, normalmente em locais bem visíveis, por exemplo no frontal da mesa do altar, nos pedestais do embasamento, no ático da composição retabular, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das diversas Ordens religiosas, dos bispos, de algumas confrarias ou irmandades e ainda as armas reais e dos instituidores da nobreza. São exemplos o retábulo principal da ermida de Santa Catarina, em Chaves, em cujo remate está o brasão do governador da Província de Trás-os-Montes, o retábulo da capela-mor da igreja de Mateus – Vila Real, em cujo frontal figuram as armas de Braga (ver p. 123)



Chaves. Capela de Santa Catarina.  
Retábulo em cujo ático surgem as  
armas do governador da Província,  
Gregório de Castro Morais.  
Foto SIPA 21112



Mateus (Vila Real). Igreja paroquial.  
Pormenor do frontal da mesa do  
altar representando o brasão de  
Braga, alusão ao instituidor, um  
cônego da sé de Braga e vigário das  
igrejas da Mitra.

e o retábulo de Nossa Senhora do Carmo, existente na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Vila Real, em que na cartela do ático figuram as insígnias dos carmelitas descalços (ver p. 142).

É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, enunciando-se, de seguida, os temas mais frequentes.

### Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística. De grande relevância são os sacrários, por vezes, de grandes dimensões. São raros os que se apresentam rotativos, conforme se verifica na capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria da Feira, em Constantim (ver p. 97). Também os tronos piramidais em degraus ou escalonados, na maioria dos casos, colocados no interior dos camarins ou tribunas, acolhiam em certas celebrações uma custódia ou uma urna, com o Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas, normalmente em número de quarenta, que se acendiam nos *Lausperene*.

Fora destes eventos, a boca da tribuna podia estar preenchida com cortinas de tecido ou com uma tela pintada, alusiva ao orago. Por exemplo, no retábulo principal da igreja paroquial de São Faustino, no Peso da Régua, ainda subsiste uma tela pintada representando a Última Ceia.



Peso da Régua.  
Igreja paroquial.  
Tela que encobre o camarim  
do retábulo-mor.  
Foto SIPA 1035811

### Cristíferos

O tema mais frequente é o Senhor Crucificado, sendo possível encontrar outras representações ligadas à Paixão, nomeadamente nos exemplares narrativos ou didáticos. Em determinados retábulos é plausível colocar no interior da mesa do altar a representação escultórica do Senhor Morto.

Apontamos de seguida três retábulos cristíferos: o do Senhor com a Cruz às Costas, na igreja paroquial de São Martinho, em Bornes de Aguiar, concelho de Vila Pouca de Aguiar (ver p. 94), o da capela de Nosso Senhor Jesus Cristo *Ecce Homo*, na igreja paroquial de Santa Eulália, em Santa Valha, concelho de Valpaços (ver p. 113) e um dos retábulos laterais da igreja paroquial da Cumieira, este último ostentando uma imagem do Senhor Morto no interior da mesa do altar (ver p. 131)



Mateus (Vila Real). Igreja paroquial.  
Sacrário com a representação da  
Ressurreição de Cristo.

### Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, sendo viável encontrar no mesmo templo mais do que uma capela dedicada

a Nossa Senhora. Entre as inúmeras invocações, destacamos a de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Assunção, do Rosário, da Piedade, da Boa Morte, do Carmo, etc.

Dos vários retábulos marianos, destacamos o da ousia da ermida de Nossa Senhora da Conceição, na Granja Velha - Ribeira de Pena (ver p. 124) e o da capela-mor do santuário de Nossa Senhora da Saúde, em Ribapinhão, que já não subsiste, descrito, em 1758: *a qual imagem está colocada no meio da Árvore de Jessé, este no trono da árvore e nos ramos dela doze reis, ascendentes da mesma Senhora e com esta árvore se compõe o retábulo do dito altar maior, que está primorosamente dourado e estofado*<sup>47</sup>.



Chaves. Capela de Nossa Senhora das Brotas. Retábulo. Painel representando São Francisco.

### Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predominam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação os Apóstolos, São Sebastião, São José, Santo António, São Luís, Santo Elias, etc. Vejamos alguns testemunhos: o retábulo, fingido, da ermida de Santa Maria Madalena, em Santa Valha, concelho de Valpaços (ver p. 90), o de São Sebastião, na igreja paroquial de São Martinho, em Vila Jusã - Mesão Frio (ver p. 91), o da ermida de Santa Marta, em Fontes, no concelho de Santa Marta de Penaguião (ver p. 98), etc.

### Almas do Purgatório

Em cada paróquia havia obrigatoriamente um altar dedicado às Almas do Purgatório, onde estava colocada quase sempre a imagem do Arcanjo São Miguel, o príncipe dos anjos, invocado na hora da morte. Nalguns casos também surgem as esculturas do Senhor Crucificado, do Anjo da Guarda, de Nossa Senhora do Livramento, de Nossa Senhora da Boa Morte, etc. Também são frequentes as representações figurativas do inferno, do purgatório e do paraíso, quer em pintura, quer em relevo escultórico.

Interessantes exemplos de retábulos das Almas encontramos na igreja paroquial de Santa Maria da Feira, em Constantim, no termo de Vila Real (ver p. 114) e na ermida das Almas, em Atei, no concelho de Mondim de Bastos (ver p. 132).



Vila Real. Igreja de São Dinis. Pormenor do retábulo das almas.

<sup>47</sup> TT, Dicionário Geográfico de Portugal, *São Lourenço de Ribapinhão - Vila Real*, tomo 31, n.º 86, fl. 509.

### Outros temas

Entre vários temas, referimos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, designadamente nos retábulos narrativos; à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, à Divina Providência, à Madre de Deus, à Sagrada Família, a Todos-os-Santos, à Santa Cruz, ao Santo Lenho, etc.



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Pormenor de retábulo lateral representando a Santíssima Trindade.

## Encomenda

À semelhança do que ocorria noutras dioceses, assistimos a um profundo envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda e/ou patrocínio do mais importante dos equipamentos religiosos: os retábulos.

Destacamos em primeiro lugar o **clero secular**, responsável pela administração das cerca de duas centenas e meia de igrejas matrizes ou paroquiais. Lembramos que as capelas-mores destes templos eram custeadas pelos detentores dos seus benefícios (a Coroa, a Casa de Bragança e do Infantado, as Casas de Marialva/Cantanhede, de Abrantes/Penaguião, dos Távora, de Atouguia e de Vila Flor, a Mitra bracarense, a universidade de Coimbra e diversas instituições monásticas).

Encontramos exemplos de retábulos paroquiais nas igrejas de São João Baptista de Lobrigos - Santa Marta de Penaguião (ver p. 105), do Salvador, em Sabrosa (ver p. 119), de São Martinho, em Mateus - Vila Real (ver p. 123) e de Nossa Senhora da Expetação, em Nozelos - Valpaços.

Seguem-se as **confrarias ou irmandades e as ordens terceiras**, beneficiando algumas da proteção régia, nomeadamente as Misericórdias, as capelas de instituições militares, certas igrejas de peregrinação muito frequentadas, etc.

Em cada confraria ou irmandade, os mesários, isto é, os membros que ocupavam os cargos diretivos eram escolhidos anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades de maior prestígio social e financeiro.

Estas entidades tanto podiam administrar capelas sediadas em igrejas matrizes ou paroquiais como em igrejas monástico-conventuais. Nalguns casos eram detentores de templos da sua exclusiva tutela.

Convém referir que as elites de cada localidade se inscreviam normalmente nas congregações de maior prestígio, a saber, a confraria do Santíssimo Sacramento, existente em quase todas as freguesias; a irmandade da Santa Casa da Misericórdia, associada às sedes dos concelhos, a ordem terceira de São Francisco, a de Nossa Senhora do Carmo e, por fim, as confrarias que geriam igrejas de peregrinação, responsáveis pela gestão de muitas e contínuas esmolas dos romeiros.

Entre vários testemunhos relevantes de retábulos da responsabilidade de irmandades apontamos os da frontaria da igreja da Misericórdia, em Chaves (ver p. 112), o da capela-mor da igreja de São Paulo, em Vila Real, da irmandade dos clérigos (ver p. 110), o da ermida das Almas, em Atei, no concelho de Mondim de Bastos (ver p. 132) e o do



Nozelos (Valpaços). Igreja paroquial.  
Retábulo-mor.  
Foto SIPA 772440



Outeiro Seco (Chaves). Capela de  
Nossa Senhora do Rosário.  
Retábulo das Almas.  
Foto Adriana Batista.

santuário do Senhor de Perafitas, em Vila Verde, no concelho de Alijó (ver p. 145).

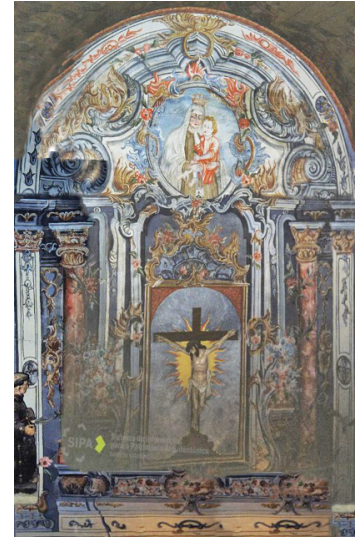
Os **instituidores particulares** desempenharam um papel importante, nomeadamente os de maiores recursos financeiros e os mais esclarecidos. Para além do apoio mecenático a diversas instituições religiosas, designadamente às de maior prestígio social, os instituidores particulares construíram capelas, não só nas suas habitações permanentes e de veraneio, mas também nos locais escolhidos para sepultura do seu corpo e, por vezes, da sua família, quando escolhiam para esta função templos de grande prestígio público. Lembramos que todas estas capelas eram dotadas de retábulos executados pelos artistas mais prestigiados da região.

Entre os diversos exemplos de retábulos custeados por instituidores particulares, salientamos o da capela de São Francisco, em Celeirós, no concelho de Sabrosa (ver p. 89), o da capela da Casa Mariz Sarmento, em Água Revés - Valpaços (ver p. 128) e o da capela da colegiada de Santa Ana, em Vila Real (ver p. 134), este último suportado pelo fundador do templo, Jerónimo Correia Guedes do Amaral, morgado de Vila Cova e Ouvidor em São João del Rei e mais tarde na Paraíba do Norte, no Brasil<sup>48</sup>.

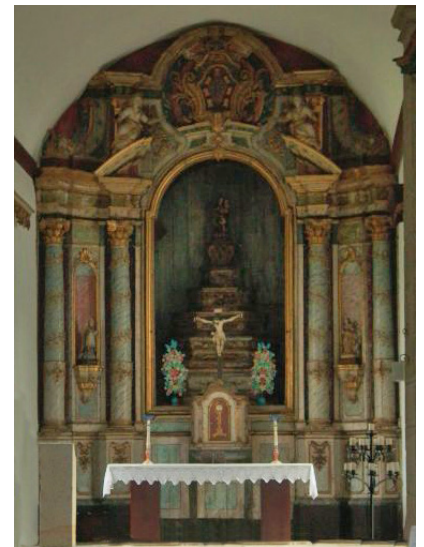
Por fim, referimos o **clero regular**, a saber franciscanos, dominicanos, beneditinos e cistercienses, tendo existido pouco mais de meia dúzia de casas religiosas no território em análise.

Com alguma frequência verificamos que muitos retábulos das casas religiosas destas instituições contaram, quer com o patrocínio régio, quer de instituidores particulares, sobretudo membros da nobreza, do clero e de mercadores enriquecidos. De igual modo, algumas Ordens religiosas patrocinaram o retábulo principal das igrejas matrizes ou paroquiais das comendas que possuíam.

Atendendo a que a maior parte deste património retabular desapareceu na sequência da implantação do Liberalismo e da decorrente extinção das Ordens religiosas, são poucos os exemplares ainda subsistentes. Restam alguns espécimes nas igrejas dos extintos conventos de São Francisco, em Chaves e no Mesão Frio e noutros templos que acolheram o espólio conventual após a sua desativação. Por exemplo o retábulo de São Vicente, atualmente da invocação do Sagrado Coração de Jesus, proveniente do mosteiro das religiosas beneditinas, em Murça, encontra-se na igreja matriz desta localidade (ver p. 137).



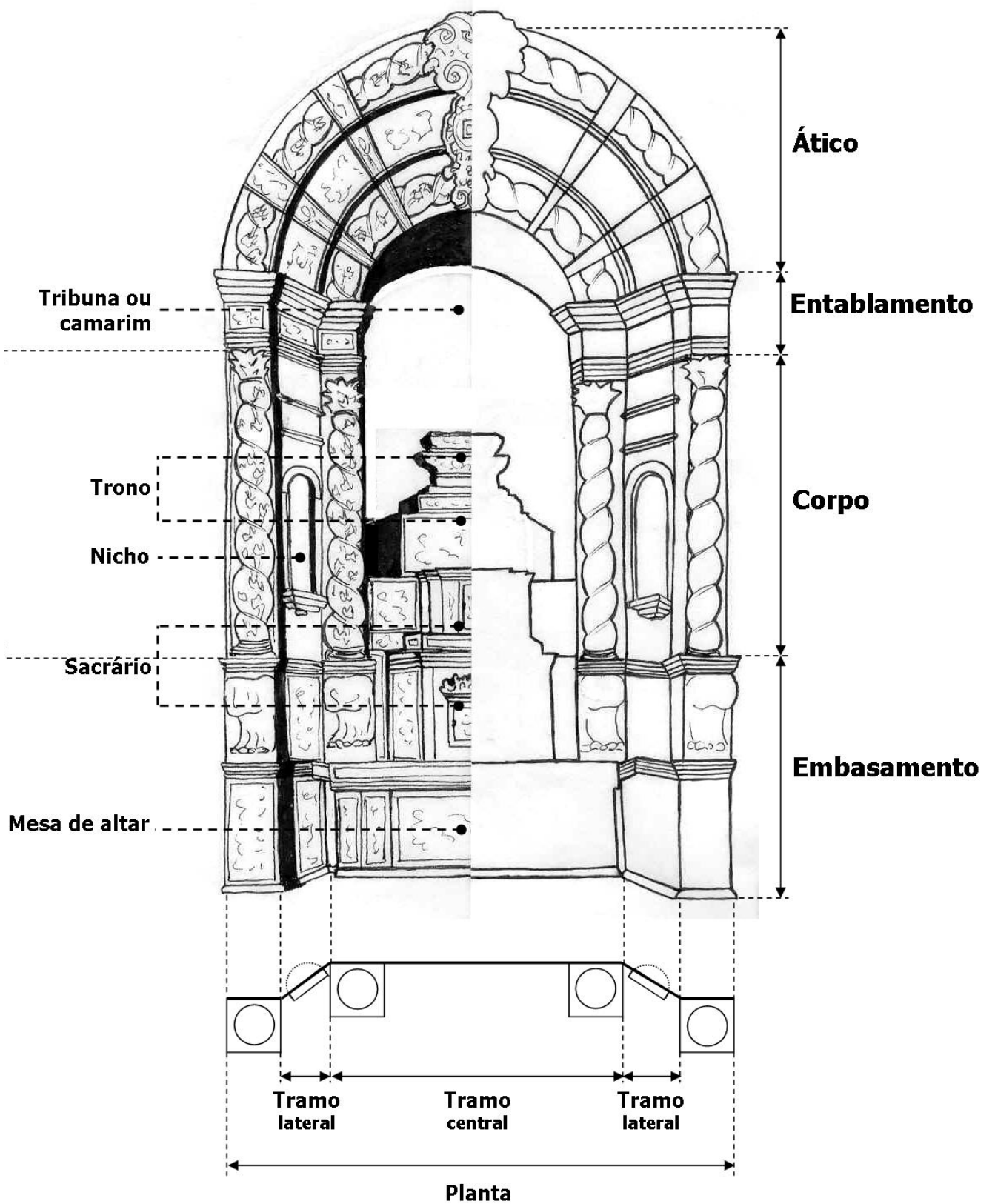
Covas do Douro (Sabrosa). Capela da Quinta do Porto. Retábulo fingido. Foto SIPA 222711



Chaves. Convento de São Francisco. Retábulo-mor. Foto SIPA 705125

<sup>48</sup> NOÉ, 2004.

Tipologias e modelos compositivos.



Os retábulos são compostos horizontalmente pelo embasamento, pelo(s) corpo(s) e pelo ático. A existência de dois ou mais corpos deve-se ao número de faixas horizontais sobrepostas, de idênticas dimensões, cada uma delas definida, maioritariamente, por elementos arquitetónicos comuns. Já a estruturação vertical é marcada pelos intercolúnios, com um, três ou mais tramos, valorizando-se o central, destinado ao orago do retábulo ou então à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Por sua vez os tramos laterais são marcados maioritariamente pela existência de representações figurativas (tábuas ou telas pintadas, painéis em relevo escultórico, imagens de vulto perfeito). Ocasionalmente, são preenchidos por lóculos ou nichos com relíquias ou então simples revestimentos decorativos.

Por tipologias entendemos o agrupamento de retábulos de acordo com algumas características morfológicas comuns, a seguir referenciadas:

- A sua estruturação ou composição arquitetónica, através da relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação diversas soluções possíveis.
- O seu prolongamento por áreas afins: no primeiro caso a parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais; na segunda situação, os dois retábulos fronteiros ao arco triunfal estão unidos entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício e na terceira situação, através da criação de um *arco* ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.

Por suavez, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta ou plana, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípites, etc.); de haver ou não outros elementos relevantes na estruturação retabular, nomeadamente os camarins ou tribunas e de estes últimos serem delimitados por elementos arquitetónicos específicos.

Se na maioria das situações, cada um dos intercolúnios é delimitado por igual número de colunas ou de pilastras, menos usuais, mas bastante interessantes são os casos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados.



Fontes (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial. Retábulo lateral com *arco*.  
Foto SIPA 948400



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Retábulo-mor, com corpo único e três tramos. Enquanto que o intercolúneo central se inscreve entre colunas duplas, nas extremidades há apenas uma coluna.



Vilarinho de São Bento (Vila Pouca de Aguiar). Capela de São Bento. Pormenor do retábulo-mor. Das várias especificidades realçamos a ausência de representações escultóricas entre as colunas dos quatro tramos laterais.  
Foto SIPA 754338

Devemos também ter em conta que muitos exemplares, apesar de se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos, apresentam algumas especificidades, que devem ser entendidas como sinal da criatividade dos diversos artistas intervenientes, designadamente os responsáveis pela conceção dos projetos ou riscos.

Em menor número são os retábulos que não se integram em qualquer tipologia e constituindo exemplares ímpares, estão associados a artistas de menor qualidade.

Apresentamos, de seguida, as diferentes tipologias identificadas e os modelos compositivos usados em cada uma delas.

#### Corpo único e um só tramo

Foi desde sempre utilizada nos retábulos devocionais a um só tema, cujo intercolúnio era delimitado, quer por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado; quer por elementos arquitetónicos duplos, como se verifica respetivamente nos retábulos colaterais da igreja paroquial de São Martinho de Bornes de Aguiar, no concelho de Vila Pouca de Aguiar (ver p. 94) e nos laterais da igreja paroquial de Galafura - Peso da Régua.

A partir do Protobarroco, esta tipologia passa a ser empregue também noutros retábulos, a saber nos eucarísticos, assistindo-se de igual modo ao uso de múltiplos elementos arquitetónicos a delimitar o intercolúnio. Testemunho de grande relevância é o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Vilarinho de São Romão, no concelho de Sabrosa (ver p. 106).

É ainda possível alguns exemplares não possuírem qualquer estrutura arquitetónica, como ocorre no retábulo, atualmente da invocação do Sagrado Coração de Jesus, na igreja paroquial de Murça, proveniente do mosteiro de São Bento, desta mesma localidade e no de Nossa Senhora do Carmo, na Misericórdia, em Vila Real (ver p. 142).



Galafura (Peso da Régua). Igreja paroquial. Retábulo lateral.  
Foto SIPA 985291

#### Corpo único e três tramos

A sua utilização generalizou-se também a partir dos princípios de Seiscentos, constituindo, juntamente com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a larga maioria do património retabular subsistente.

Foi normalmente usada nos retábulos devocionais a três temas e em certos retábulos eucarísticos e relicários, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, maioritariamente os intercolúnios estão inseridos entre dois elementos archite-

tónicos, um de cada lado. São exemplos o retábulo principal da ermida de Santa Ana, em Viduedo – Alvão, no concelho de Vila Pouca de Aguiar (ver p. 96) e o da capela de São Pedro, em Medrões – Santa Marta de Penaguião.

Em menor número são empregues diferentes alternativas, como sejam, a variação do número de elementos arquitetónicos a delimitar cada um dos tramos ou mesmo a ausência de qualquer elemento. Por exemplo, no retábulo-mor da capela de Nossa Senhora da Pena, em Mouçós, só são empregues uma coluna e uma pilastra nas extremidades dos tramos laterais (ver p.139).

### Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia foi muito pouco utilizada, inscrevendo-se os intercolúnios, quase sempre, entre duas colunas, uma de cada lado, conforme se verifica no retábulo-mor da ermida de Frades, em Cambeses do Rio - Montalegre (ver p. 99).

Em casos pontuais, surgem outros modelos compositivos, apontando-se como exemplo o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Alvaia, no concelho de Ribeira de Pena, em que o intercolúnio central se inscreve entre colunas duplas, havendo somente de cada lado uma coluna a separar os restantes tramos (ver p. 133).

### Dois corpos e três tramos

Foi muito usual no século XVI, passando a ser menos empregue a partir do século XVII, quando surgem as tribunas ou camarins, dedicados à exposição solene do Santíssimo Sacramento e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

No século XVI, os intercolúnios são preenchidos maioritariamente por ciclos de pintura figurativa, sendo menos frequente o uso de painéis em relevo escultórico. Já nos séculos seguintes, os diversos nichos são ocupados quase sempre por representações escultóricas de vulto perfeito.

Na maior parte dos retábulos, os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado, indicando-se como exemplo o modesto retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Arcossó - Chaves.

### Dois corpos e sete tramos

Foi restrito o recurso a esta tipologia, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado, conforme se verifica no retábulo principal da ermida de São Sebastião, em Fontes, no concelho



Medrões (Santa Marta de Penaguião).  
Capela de São Pedro. Retábulo da eventual autoria de Francisco Barbosa e João Batista, com oficina aberta em Fontes - Santa Marta de Penaguião.  
Foto SIPA 19737



Montalegre. Igreja paroquial.  
Retábulo-mor, com um corpo e cinco tramos.  
Foto SIPA 748988



Arcossó (Chaves). Igreja paroquial. Retábulo-mor, com dois corpos e três tramos.  
Foto SIPA 184068

de Santa Marta de Penaguião (ver p. 98).

### Retábulos triplos

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e restrita às Misericórdias<sup>49</sup>, ainda que seja pouco usual. Os retábulos triplos são usados, maioritariamente, em templos de nave única e sem cabeceira e em casos excecionais em igrejas de nave única e capela-mor.

Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira da ousia, sendo aí aplicados três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar: *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos (colaterais) na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*. Na maioria das situações, os intercolúnios inscrevem-se entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, como ocorre, por exemplo, nos retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Chaves (ver p. 112) e nos de Montalegre (ver p. 150).

Não deve confundir-se esta tipologia com a existência de três retábulos diferenciados, empregues na parede testeira de capelas-mores. Verifica-se esta situação na ermida de São Sebastião, em Cimo da Vila de Castanheira, no concelho de Chaves (ver p. 101) e na capela de Santa Marinha, em Ervededo - Chaves.

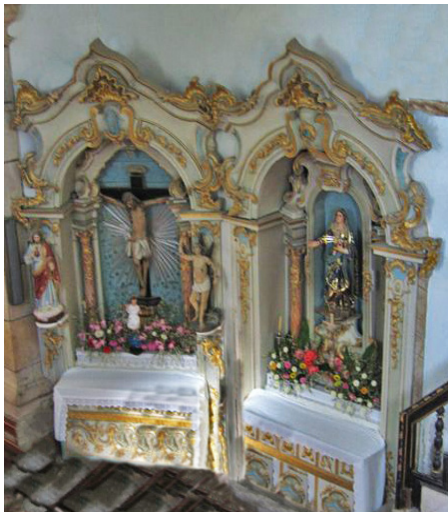


Ervededo (Chaves). Capela de Santa Marinha. O retábulo principal é ladeado por dois altares individualizados.  
Foto SIPA 893726

### Retábulos com arco<sup>50</sup>

Trata-se de uma tipologia com bastante aceitação, que maioritariamente era usada em capelas ligeiramente reentradas. O *arco* corresponde a uma estrutura, quase sempre autónoma, que complementa o retábulo propriamente e se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. Interessantes exemplos são os retábulos da igreja paroquial de Afonsim - Vila Pouca de Aguiar e o de Santo António, na igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves, em Possacos, no concelho de Valpaços (ver p. 141).

De referir ainda que na maior parte dos casos o retábulo e o respetivo *arco* são de madeira predominantemente entalhada. São raras as situações em que o retábulo é de madeira e o arco de pedraria.



Afonsim (Vila Pouca de Aguiar). Igreja paroquial. Retábulos laterais com arco.  
Foto SIPA 766665

<sup>49</sup> Em 1981, Flávio Gonçalves é o primeiro historiador da arte a se aperceber desta realidade: *a existência de três altares na mesma máquina retabular preconizava o costume, frequente em Portugal (...) de se levantarem três retábulos e respetivos altares nas capelas-mores das igrejas das confrarias das Misericórdias* (GONÇALVES, 1981, p. 339); LAMEIRA, 2009.

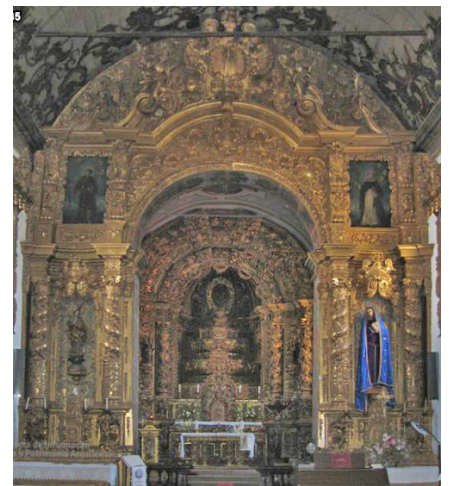
<sup>50</sup> Apesar de atualmente não haver nenhuma designação para o termo *arco*, foi muito frequente nos séculos XVII e XVIII.

## Arcos triunfais retabulares

A designação deve-se a José Meço<sup>51</sup>. Contrariamente a outras dioceses onde esta tipologia foi pouco aceite, na região em estudo foi do agrado de muitos clientes, nomeadamente nos finais do século XVII e na primeira metade de Setecentos. É composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício do corpo da igreja. Entre muitos exemplos referimos quatro: os das igrejas paroquiais de Parada de Cunhos (Vila Real), de Sanhoane (Santa Marta de Penaguião), de Canedo (Murça) e o da capela de São Bento, em Vilarinho de São Bento (Vila Pouca de Aguiar). Individualizamos o da igreja paroquial de São Faustino, no Mesão Frio, por utilizar uma composição ímpar, prolongando-se a parte inferior dos retábulos colaterais pelo intradorso dos arcos das capelas laterais (ver p. 108).



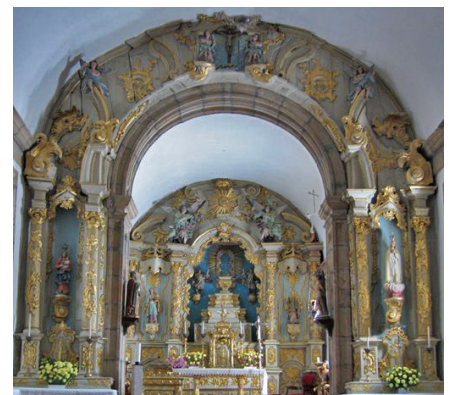
Parada de Cunhos (Vila Real).  
Igreja paroquial.  
Arco triunfal retabular.  
Foto SIPA 872227



Sanhoane (Santa Marta de Penaguião).  
Igreja paroquial. Arco triunfal retabular.  
Foto SIPA 106173577



Vilarinho de São Bento (Vila Pouca de Aguiar). Capela de São Bento. Arco triunfal retabular.  
Foto Marco Amaro.



Canedo (Murça). Igreja paroquial.  
Arco triunfal retabular.  
Foto SIPA 772364

51 MECO, 2001, p. 311.

## 6. Periodização

Na Idade Moderna, época em que os retábulos tiveram maior qualidade, verificamos a existência de vários períodos de média duração ou conjunturas artísticas, correspondendo *grosso modo* cada uma delas a uma geração (período de trinta a quarenta anos).

Conforme referimos nos volumes anteriores, os diversos intervenientes, quer na encomenda, quer na execução, assumiram de forma consciente as inovações adotadas periodicamente na corte pelos arquitetos régios (residentes maioritariamente na cidade de Lisboa) e procuravam na medida do possível seguir esse formulário. As expressões *ao moderno* e *ao antigo*, empregues com alguma regularidade em diversos documentos, mostram-nos claramente como os responsáveis estavam a par das novidades preferindo, sempre que possível, um retábulo inovador, isto é, *ao moderno*. Constatamos esta realidade em três exemplos: em 1703, o mestre Pedro Jorge, de Vila Real, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja matriz de São Dionísio desta localidade, comprometendo-se a fazer *seis colunas, da moda com que se usa*<sup>52</sup>. Em 1744, o prestigiado mestre entalhador portuense compromete-se a executar o retábulo-mor da igreja paroquial de Sever – Santa Marta de Penaguião com *a talha ao moderno*<sup>53</sup>. Nas respostas aos inquéritos de 1758, o pároco da freguesia de Provesende – Sabrosa diz a respeito do retábulo-mor: *a tribuna é suntuosamente perfeita, feita à moderna, mas ainda não está dourada*<sup>54</sup> (ver pp. 126 e 127).

De seguida apresentamos, por ordem cronológica, cada uma das conjunturas identificadas na diocese de Vila Real.



Provesende (Sabrosa). Igreja paroquial.  
Pormenor do retábulo-mor.



Canedo (Ribeira de Pena).  
Capela de Santo Amaro. Tríptico.  
Foto SIPA 761004

### Atitude anticlássica e decoro tridentino

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia no final do reinado de D. João III, prolongando-se até ao domínio filipino. A atitude anticlássica e o decoro tridentino vão coexistir, dependendo da vontade e da cultura artística de cada cliente.

Alguns retábulos continuaram a seguir modelos vigentes em épocas anteriores. Referimo-nos concretamente a exemplares de pequenas ou médias dimensões, portáteis ou amovíveis, que utilizavam preferencialmente a tipologia dos trípticos, com pintura figurativa. São exemplos o tríptico da capela de Santo Amaro, em Canedo, Ribeira de Pena e o da igreja matriz de Murça (ver p. 33), ambos executados por mo-

<sup>52</sup> FERREIRA, 2007, p.29.

<sup>53</sup> BRANDÃO, 1986, p. 464.

<sup>54</sup> TT, *Memórias Paroquiais de 1758*, vol.30, n.º 265.

destos artistas sediados na região.

Dos diversos retábulos fingidos ou em *trompe l'oeil*, o que se encontra em melhor estado de conservação é o da capela-mor da ermida de Santa Maria Madalena, em Santa Valha (ver p. 90).

Temos conhecimento de um único retábulo do decoro tridentino em madeira, composto por um painel pintado, delimitado por duas pilastras, uma de cada lado, na capela de Santa Bárbara - Mesão Frio.

#### Prenúncios do Triunfalismo Católico

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621). À postura de contenção e de decoro que os responsáveis religiosos romanos tinham adotado na sequência do Concílio de Trento, quer os austeros papas, quer os grandes santos contrarreformistas, sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Neste contexto, assiste-se à intensificação do uso de retábulos, tornando-se a obra de Sebastião Serlio o ponto de partida para uma série de ensaios e experiências que, apesar de efémeros e por vezes divergentes, estão na origem de algumas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.

Deste período só temos conhecimento de um retábulo, o de São Sebastião, localizado na igreja paroquial de São Martinho, em Vila Jusã - Mesão Frio, onde para além da imagem de vulto perfeito do orago, nos tramos laterais avultam seis pinturas, três de cada lado, de pequenas dimensões, com representações de santos (ver p. 91).



Oliveira (Mesão Frio). Capela de Santa Bárbara. Retábulo.  
Foto SIPA 841204



Vila Jusã (Mesão Frio).  
Igreja paroquial.  
Pormenores do retábulo de São  
Sebastião.



## Proto barroco

Período que principia por volta de 1620 e que se prolonga no segundo e terceiro quartéis do século XVII. A partir do reinado de D. Filipe III, evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Assiste-se ao incremento de práticas até então usadas de forma pontual, nomeadamente o culto a um só tema e a devoção às relíquias sagradas. Surgem também novos procedimentos, como sejam a exposição solene do Santíssimo Sacramento e a valorização da linguagem escultórica, quer em imagens de vulto perfeito, quer no entalhe em médio-relevo. Consequentemente os retábulos devocionais a um só tema passam a ser os de maior aceitação da clientela, apontando-se como exemplos os colaterais da igreja paroquial de São Martinho, em Bornes de Aguiar (ver p. 94). Por fim, surgem os retábulos destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento, que passam a incorporar no centro da composição um camarim preenchido com um trono escalonado, conforme se verifica na capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria da Feira, em Constantim – Vila Real (ver p. 97). Nalguns casos a exposição do Santíssimo continuou a realizar-se em tronos amovíveis, que se montavam e desmontavam sempre que necessário.

Convém salientar o facto de os elementos em talha passarem a ter uma enorme aceitação. A partir de então, assiste-se a um processo em que os retábulos (independentemente das tipologias formais e funcionais) são integralmente revestidos por ornatos em relevo escultórico, predominantemente dourados e policromados. Estas inovações são acompanhadas pelo progressivo desaparecimento dos retábulos narrativos e, por conseguinte, a pintura figurativa é cada vez menos utilizada.

Relativamente aos materiais empregues, a madeira entalhada e posteriormente dourada e policromada teve enorme aceitação, dando origem a um ciclo de longa duração, que só teve paralelo na Espanha e nos seus domínios coloniais.

Vejamos algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

- A preferência por composições retabulares com corpo único e com um ou três tramos.
- Predominam as plantas retas ou planas, despontando os primeiros exem-



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Pedestal do retábulo-mor.



Bornes (Vila Pouca de Aguiar). Capela de São Geraldo. Retábulo com corpo único e três tramos. Foto SIPA 19582

plares com plantas mais dinâmicas, designadamente em perspetiva côncava.

-Nos retábulos eucarísticos surge no centro da composição retabular um camarim preenchido com um trono escalonado destinado à exposição do Santíssimo Sacramento e no centro do banco um sacrário monumental.

-Predominam as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integralmente revestido com ornatos vegetalistas. São ainda usados consolas e quartelões.

-O vocabulário decorativo adquire cada vez mais um carácter naturalista, onde prevalece a folhagem de acanto, em médio relevo, sendo complementado por cabecinhas de serafins.

### Barroco Pleno

Período que corresponde *grosso modo* à época de D. Pedro II, primeiro como regente (1669 - 1683), depois como monarca (1683 - 1706). De realçar o ambiente de paz e de prosperidade decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do conseqüente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e da descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais, no Brasil.

Atendendo ao ambiente de abundância então existente, os retábulos desta fase, predominantemente entalhados e dourados, tiveram uma aceitação jamais ocorrida, nem em épocas anteriores nem posteriores, encontrando-se exemplares nos principais centros urbanos e até em pequenas localidades rurais.

Do vasto património retabular remanescente é possível constatar a presença de profissionais mais esclarecidos, na sua maioria oriundos da Província de Entre Douro e Minho, e de outros menos conhecedores de todas as inovações entretanto surgidas, com oficinas sediadas em localidades mais afastadas dos principais centros urbanos. Assistimos inclusivamente ao aparecimento de soluções compositivas ímpares. É o caso do arco triunfal retabular da igreja paroquial do Mesão Frio, que se prolonga pelo intradorso dos arcos das capelas laterais (ver p. 108).

Expomos, de seguida, algumas das principais características formais dos retábulos desta fase:

-Predomínio de plantas dinâmicas, designadamente em perspetiva côncava.

-Preferência por composições com corpo único e um ou três tramos.

-Os camarins ou tribunas deixam de estar associados aos retábulos eucarís-



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Colunas integralmente revestidas com ornatos vegetalistas.



Nozelos (Valpaços). Igreja paroquial. Retábulo colateral, com corpo único e um só tramo.

Foto SIPA 772432



Mesão Frio. Igreja paroquial.  
Retábulo colateral. Colunas  
torsas revestidas com cachos de  
uvas, parras e meninos.



Mesão Frio. Igreja paroquial.  
Pormenor da mesa do altar-mor.

ticos e tendem a ser utilizados também nos retábulos relicários e nos devocionais a um ou mais temas. Em certos retábulos, os camarins apresentam um formato pouco usual, adquirindo uma planta semielíptica, como ocorre no retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Vilarinho de São Romão - Sabrosa (ver p. 106).

-As colunas torsas com seis ou sete espiras, cujo fuste é totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix e meninos são as de maior preferência. São ainda usadas pilastras revestidas de ornatos e pilastras compósitas ou quartelões, então designadas por *quartelas*.

-No ático dos retábulos adquire maior aceitação uma solução exclusivamente portuguesa, em que se usam dois ou mais arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas e uma cartela central. Como alternativas relativamente frequentes referimos o uso de composições tripartidas, quer em retábulos com um só intercolúnio, quer com três tramos, sendo exemplos, respetivamente, o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora das Necessidades, em Atei - Mondim de Basto (ver p. 102) e o da capela-mor da igreja paroquial de São João de Lobrigos - Santa Marta de Penaguião (ver p. 105).

-São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático.

-A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição. O entalhe cresso, em médio ou alto-relevo, é do agrado da maioria da clientela.

-O vocabulário decorativo tem um caráter naturalista, sobressaindo a folhagem de acanto ou de *cardo*. São também usadas flores diversas, frutos, etc.

-O revestimento dourado é aplicado na totalidade do retábulo, complementado por alguma policromia no fundo dos ornatos, na carnção das figuras e no estofado das vestes.

-Assiste-se à tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas, adquirindo em muitas situações uma expressão genuinamente portuguesa. De entre essas modalidades avultam a talha dourada, o azulejo figurativo azul e branco e a pintura de brutesco acântico. Nos exemplares em que mais se investiu no envolvimento dos fiéis, verifica-se o preenchimento total do espaço disponível, as chamadas obras de arte total, quer em capelas- mores ou laterais, quer na totalidade dos templos.

### Barroco Final

Período de ostentação e de esplendor, que corresponde *grosso modo* ao reinado de D. João V. A partir de 1713, com o fim da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, inicia-se um período de paz e de grande prosperidade, impulsionado pelo ouro e pelos diamantes originários do Brasil.

Os primeiros sinais de mudança ocorrem, na região em estudo, na década de 1720. Tanto dizem respeito à configuração dos elementos arquitetónicos que delimitam os tramos (colunas, pilastras, quartelões, etc.), como às soluções usadas no ático. Em muitos exemplares, nomeadamente os que são executados por artistas menos esclarecidos, nas décadas de 1730 e 1740, assistimos à manutenção de algumas soluções retardatárias, a saber nos áticos, ainda definidos por arcos e/ou arquivoltas, plenas e concêntricas. Exemplo desta última situação é o altar da capela-mor da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Alvalá - Ribeira de Pena (ver p. 133). Determinados retábulos denotam grande erudição, por exemplo os da igreja paroquial da Cumieira, muito provavelmente concebidos por Nicolau Nasoni, italiano radicado na cidade do Porto (ver p. 130 e 131).

Indicamos, de seguida, as principais características formais, acentuando as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser cada vez mais dinâmicas, quer em perspetiva côncava, quer convexa.

-Em relação às ordens arquitetónicas, numa fase inicial as colunas são muito idênticas às da fase anterior, apresentando como inovação o facto de o fuste ser revestido principalmente por ornatos vegetalistas e flores diversas. Só a partir de 1727, por influência do tratado do padre Andrea Pozzo, é que se generaliza a utilização de colunas torsas com o terço inferior diferenciado, sendo a restante parte da garganta do fuste percorrida por uma grinalda de flores. São ainda aplicadas diversas variantes desta última solução, assim como colunas lisas, quartelões, etc. Pontual foi o uso de colunas caneladas e revestidas por flores e laços, seguramente executadas por um mestre entalhador oriundo da cidade do Porto. Exemplo de grande relevância é o retábulo da capela-mor da igreja paroquial do Salvador, em Sabrosa, datado de 1731 (ver p. 119).

-A *frons scenae* deixa de estar no interior do camarim e passa para a face do retábulo. Consequentemente, são aplicados dosséis com sanefas, alguns com cortinas repuxadas por meninos ou anjinhos, quer no remate do camarim ou do nicho central, quer nas ilhargas ou nos tramos laterais.



Canedo (Murça). Igreja paroquial. Retábulo lateral que utiliza simultaneamente colunas inovadoras e arcos salomónicos retardatários.



Sapiãos (Boticas). Ermida dos Anjos. Colunas do retábulo-mor, com colunas ornamentadas com flores e laços.  
Foto Município de Boticas



Cumieira (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial. Pormenor da ornamentação do retábulo lateral.



Chaves. Igreja paroquial. Retábulo tardobarroco. Foto SIPA 728286

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental. Nalguns exemplares surge como o principal elemento inovador. Para além dos dosséis são empregues segmentos de frontão curvos, alguns sustentando figuras de anjos em alto-relevo; volutas, festões, elementos vegetalistas, etc.

-Elementos figurativos em alto-relevo são usados com frequência, não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas, chegando por vezes a substituí-las.

-A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto, médio ou pequeno relevo ou *baixinha*) e a invadir todos os espaços disponíveis.

-O vocabulário decorativo apresenta duas facetas diferentes: uma, de origem italiana, em grande parte já aclimatizada no nosso país na fase anterior; a outra, mais inovadora e próxima da Regência francesa. Em relação a esta última, destacamos as cabeças coroadas com plumas, as palmetas, faixas de arabescos, elementos de expressão gráfica, ornatos sinuosos e leves, etc.

-O predomínio da aplicação do douramento, complementado por alguma policromia, pela carnação e pelo estofado.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.

#### Tardobarroco e Rococó

Período que principia na cidade de Lisboa, na década de 1740, no qual coexistem duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.

O Tardobarroco deu continuidade aos retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma*, opção minoritária vigorante na fase anterior e que era assumida pelo rei D. João V e por alguma clientela mais próxima dos valores vigentes na corte papal. Atendendo a que os retábulos *à romana* eram de pedraria policroma e como tal de elevado custo, os novos exemplares passavam a ser, na sua maioria, de madeira *tão liso de ornamentos como pede a boa arquitetura (...)* para se poder imitar pedraria, mas levando sempre seus ornatos de talha dourada.

O Rococó, de origem francesa, mas com forte presença nas gravuras alemãs, deu continuidade à Regência, também originária da França. Neste caso, os retábulos continuavam a ser predominantemente entalhados e dourados e como tal de maiores encargos financeiros.

No território analisado, por influência direta da situação ocorrida

em Braga, assiste-se a uma reduzida aceitação do Tardobarroco e em contrapartida uma clara preferência pelos valores do Rococó, recorrendo alguma clientela mais esclarecida aos mais proeminentes artistas bracarenses, a saber, Jacinto da Silva, André Soares, frei José de Santo António Vilaça, Carlos Amarante, etc.

Enumeramos, de seguida, as principais características formais, designadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas denotam um maior dinamismo, como nunca até então tinha ocorrido. Em determinadas situações, utilizam-se linhas sinuosas, chegando a alternar superfícies côncavas e convexas. Noutras prefere acentuar-se a angulosidade de alguns elementos arquitetónicos, que são colocados de viés.

-A tendência para desrespeitar ou mesmo destruir princípios compositivos de tradição secular, nomeadamente a ausência de alguns elementos arquitetónicos, a deformação dos embasamentos ou dos áticos, a difícil distinção entre elementos arquitetónicos e ornamentação.

-A existência de grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas torsas ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-estípites, etc.

-Assiste-se a uma crescente diminuição do uso de camarins, designadamente nos retábulos devocionais a um ou mais temas.

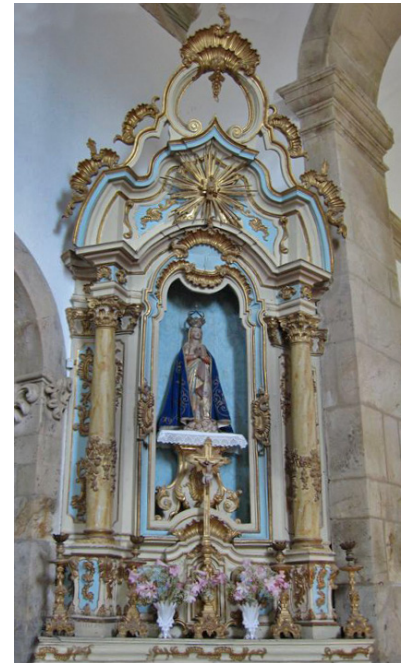
-Desenvolve-se a tendência para recorrer à pintura figurativa, que tende a substituir o nicho central, onde figura a representação do orago.

-O uso de soluções diversificadas no ático, desde composições definidas por elementos arquitetónicos clássicos a outras bastante mais elaboradas, onde predominam frontões mistilíneos, por vezes dinamizados por graciosos concheados e formas auriculares.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se em muitos exemplares, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados fantasistas e assimétricos. Usam-se também linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

-Continua a recorrer-se ao douramento, restringindo-se, por vezes, a sua utilização a alguns ornatos em relevo escultórico. Em muitos retábulos é aplicada pintura a fingir pedraria, nomeadamente o lápis-lazúli, a cor de



Cidadelhe (Mesão Frio). Igreja paroquial.  
Retábulo colateral.  
Foto SIPA 867184



Cidadelhe (Mesão Frio). Igreja paroquial.  
Retábulo das Almas.  
Foto SIPA 867176



Mouços (Vila Real). Igreja paroquial.  
Concheados ou rocalhas do  
retábulo-mor.



Vila Real. Capela do hospital da  
Misericórdia. Retábulo lateral.  
Foto SIPA 783108

pérola, o *verde antico*, etc.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.

#### Neoclassicismo e romantismo

O neoclassicismo vigora a partir da última década do século XVIII, prolongando-se nos decénios seguintes. Surge associado a setores eruditos e elitistas, que se apoiam inicialmente em artistas italianos, nomeadamente Luís Chiari, que se fixa na vizinha cidade do Porto. Entre alguns exemplos individualizamos os altares colaterais da igreja paroquial de Medrões (ver p. 147).

Em paralelo com a versão mais erudita, vigora uma outra mais popular, que dá continuidade à contensão e à sobriedade implementadas pelos arquitetos régios a partir da década de 1740, com o aparecimento do Tardobarroco.

Após a queda do Antigo Regime e a consequente perda das fontes de financiamento da Igreja inicia-se um largo período de declínio que se prolonga até ao Concílio Vaticano II e pontualmente até aos nossos dias. Os retábulos surgem como um sinal de apego ao passado de uma sociedade empobrecida e conservadora, que tem dificuldade em adaptar-se aos novos tempos.

A partir de então prevalecem os retábulos de reduzida qualidade, delineados e executados, na sua maioria, por artífices de modestas qualificações, diminuindo drasticamente o número de entalhadores. Só, em casos pontuais, surgem retábulos com algum mérito que, um pouco ao acaso e sem obedecer a nenhuma cronologia específica, adotam soluções saudosistas e de fascínio por um passado, mais ou menos distante.

A madeira continuou a ter grande aceitação, recorrendo-se esporadicamente a outros materiais.

Apresentamos algumas das características principais deste período:

- As plantas retas ou planas são as de maior aceitação.
- O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobriedade, mantendo-se, por vezes, alguns elementos compositivos das épocas anteriores, designadamente os camarins preenchidos com troncos escalonados destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento.
- Nos retábulos historicistas os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência, tendo grande aceitação os do século XVIII. Nos restantes predominam as ordens clássicas.

-O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.

-Para além da pintura a fingir pedraria policroma, prevalece o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.



Vila Pouca de Aguiar. Capela de  
Nossa Senhora da Consolação.  
Retábulo.  
Foto SIPA 670005



Vila Chã (Alijó). Capela de  
Nossa Senhora das Neves.  
Retábulo lateral, datado de 1897.  
Foto SIPA 954551

## 7. Filiação

Atendendo a que a larga maioria do território da diocese de Vila Real se integrava no arcebispado de Braga, o património retabular remanescente na região em estudo, designadamente nos principais centros urbanos, apresenta características idênticas às da região minhota.

Em termos produtivos verificamos que os retábulos dos templos de maior relevância eram concebidos e/ou executados, na sua maioria, por credenciados artistas forasteiros, originários da província de Entre Douro e Minho, quer do arcebispado de Braga, quer do bispado do Porto. Atentemos a alguns exemplos:



Porto. Convento de São João Novo.  
Retábulo-mor.  
Fonte BRANDÃO, 1987, est. XXVI.

-O retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Provesende - Sabrosa, em cujo ático figuram as armas do donatário desta comenda, o arcebispo de Braga, D. José de Bragança, foi seguramente delineado e entalhado por profissionais bracarenses, nos primeiros anos da década de 1750, podendo ser o exemplar pioneiro do Rococó na região transmontana (ver p. 136).

-Em 1745, os religiosos dominicanos de Vila Real ajustam a feitura do retábulo, já inexistente, da capela-mor da igreja do seu convento com o prestigiado mestre Manuel Pereira da Costa Noronha, com oficina aberta na cidade do Porto, comprometendo-se este último a fazer *uma planta para o trono*<sup>55</sup>.

-Em 1758, o mestre entalhador Francisco Fernandes, com oficina aberta em Landim, então no termo de Barcelos, ajusta a execução do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santo Adrião, em Sever - Santa Marta de Penaguião, de acordo com um risco concebido por frei Francisco do Espírito Santo, religioso da Ordem de Santo Agostinho, no convento de São João Novo, no Porto<sup>56</sup>, a quem atribuímos o retábulo deste cenóbio e que denota algumas semelhanças com o seu congénere transmontano.

-Em 1763, o prestigiado mestre entalhador bracarense Jacinto da Silva ajusta a feitura de três retábulos para a capela de Nossa Senhora da Pena, na freguesia de Mouços - Vila Real (ver página seguinte), sendo seu fiador o seu filho e sucessor da sua oficina Luís Manuel da Silva<sup>57</sup>.

Apontamos de seguida alguns retábulos mais eruditos, seguramente executados por artistas minhotos:

-O da capela-mor da ermida de Nossa Senhora das Brotas, em Chaves (ver p. 92).



Sever (Santa Marta de Penaguião).  
Retábulo-mor.

55 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 144, 145, 157 a 159; BRANDÃO, 1986, pp. 476 a 482.

56 PALAVRAS, 2013, pp. 20 e 35.

57 E. OLIVEIRA, 2011,3, p. 349.

- Os retábulos da frontaria da igreja da Misericórdia, em Chaves (ver p. 112).
- Os da igreja paroquial da Cumieira - Santa Marta de Penaguião (ver pp. 130 e 131).
- O da capela da colegiada de Santa Ana, em Vila Real (ver p. 134).
- O de São Vicente, na igreja paroquial de Murça (ver p. 137).
- O da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Afonsim - Vila Pouca de Aguiar (ver p. 140).
- Os da capela de Nossa Senhora da Pena, em Mouços - Vila Real.

Por sua vez, os retábulos mais inovadores, existentes nos principais centros urbanos da diocese de Vila Real, designadamente nos templos de maior prestígio, executados ou não por artistas forasteiros, vão servir de modelo, no todo ou em parte, a muitos outros exemplares de localidades periféricas, conforme se verifica no ajuste de diversas obras de talha para a igreja paroquial de Torgueda, no termo de Vila Real. É então referido que *os dois retábulos colaterais, que hão de vestir com a frente do arco da capela-mor, que também há de ficar coberto de madeira, assim e da maneira que se acham feitos e coberto o arco da igreja de São Pedro desta Vila Real e além destes mais outro retábulo, que há de ficar metido em um arco que está feito na parede da mesma igreja (...) e este retábulo há de ser feito por um debuxo porque está fazendo outro André Martins desta vila para a capela dos terceiros da venerável ordem terceira do patriarca São Francisco desta mesma vila e que cada um dos três altares há de ter frontal de madeira lavrada, assim e da maneira que se acha o altar do Amor Divino, que mandou fazer João Pinto Teixeira na igreja de São Dinis desta mesma vila*<sup>58</sup>.

Convém ainda evidenciar a importância das oficinas menos atualizadas, quer locais quer forasteiras, que utilizaram simultaneamente elementos inovadores a par de soluções retardatárias e que estão na origem de espécimes de cariz mais castiço e popular, contribuindo também para testemunhar a identidade da região.

Vejamos alguns exemplos:

- O da ermida de Santa Ana, em Viduedo - Alvão (ver p. 96).
- O da ermida de São Sebastião, em Fontes (ver p. 98).
- O da ermida de Frades, em Cambeses do Rio (ver p. 99).
- O arco triunfal retabular da igreja paroquial do Mesão Frio (ver p. 108).



Mouços (Vila Real). Capela da Pena. Retábulo colateral com arco, executado pelo mestre entalhador bracarense Jacinto da Silva. Foto Telmo Carquejo.



Atei (Mondim de Basto). Capela de Nossa Senhora das Necessidades. Pormenor do ático do retábulo. Foto Município de Mondim de Basto.

<sup>58</sup> FERREIRA ALVES, 1983, p. 151.

### Materiais e técnicas

A larga maioria dos retábulos remanescentes no território analisado é de madeira, sendo em número restrito os fingidos ou em *trompe l'oeil*.

Preferencialmente utilizaram-se madeiras da região, predominando a de castanho. Por exemplo na escritura do ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Vila Real, é referido que *toda esta obra será feita (...) de boa madeira de castanho, liso e sem podridão alguma*<sup>59</sup>.

Os espécimes mais remotos, que ainda subsistem, datam dos meados do século XVI. São os trípticos, na época designados por *retábulos com portas*. Devem ser entendidos como equipamentos litúrgicos que se colocavam sobre a mesa do altar. Eram exemplares amovíveis, compostos por três painéis de madeira pintados e emoldurados, sem qualquer estrutura arquitetónica a enquadrá-los. O melhor testemunho encontra-se na igreja matriz de Murça (ver p. 33). Se na primeira metade de Quinhentos eram adquiridos, na sua maioria, na Flandres, passaram depois a ser também executados em Portugal, primeiro por artistas nórdicos e gradualmente por profissionais portugueses, como é o caso do tríptico indicado.

Em simultâneo, utilizam-se também os retábulos fixos à parede testeira da capela, quase sempre definidos por uma composição arquitetónica, sendo diversas as possibilidades de preencher os intercolúnios. Tanto podem incluir representações escultóricas como painéis com pintura figurativa sobre madeira ou sobre tela, predominando esta última opção, a partir dos finais do século XVI.

Do segundo quartel do século XVII em diante, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, de carácter acentuadamente ibérico (Portugal e Espanha e respetivos territórios da sua administração), em que prevalece o uso de largas superfícies entalhadas em relevo escultórico, maioritariamente douradas e por vezes policromadas.

Nos meados do século XVIII, começa a ganhar terreno a opção da madeira com grandes superfícies lisas para nelas se fingir pedraria policroma ou então de cor de pérola, restringindo-se os relevos em talha dourada a alguns ornatos. A título de exemplo apontamos o retábulo da capela-mor da igreja matriz de São Salvador, em Ribeira de Pena.

Com o final de setecentos, acentua-se o desaparecimento da talha



Sedielos (Peso da Régua). Igreja paroquial. Retábulo lateral, fingido ou em *trompe l'oeil*. Foto SIPA 20332



Ribeira de Pena. Igreja paroquial. Retábulo-mor de madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Foto Raúl Sampaio Lopes.

<sup>59</sup> BRANDÃO, 1986, p. 480.

dourada, proliferando as superfícies lisas em madeira, quer fingindo pedraria policroma, quer aplicando o branco de leite.

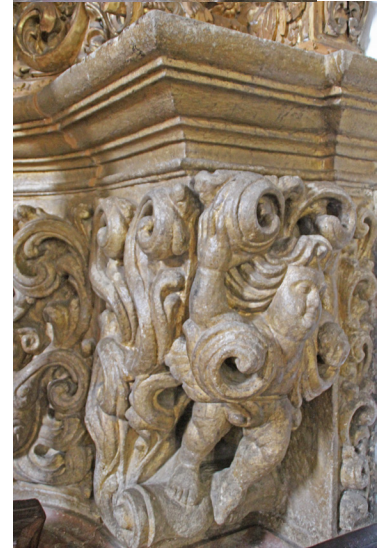
Como já referido, foi menos usual a utilização de retábulos fingidos ou em *trompe l'oeil*, aplicados na generalidade sobre a parede testeira, sendo testemunhos o da ermida de Santa Maria Madalena, em Santa Valha, no concelho de Valpaços, dos meados do século XVI (ver p. 90) e o da capela da Quinta do Porto, em Covas do Douro, no concelho de Sabrosa, do terceiro quartel de Setecentos (ver p. 43).

Em certos casos, os retábulos assentam num embasamento de cantaria ou então complementam, pontualmente, estruturas pétreas, conforme se verifica na capela da Casa da Fonte, em Celeirós (ver p. 89).

Convém referir que nalguns locais dos retábulos colocavam-se jarras com flores naturais ou artificiais, conforme se constata na proibição decretada, em 1694, na irmandade de São Paulo ou dos Clérigos em que *determinaram que os ramalhetes que tem a irmandade e também as rosas não saírem da irmandade senão por aluguer, em preço cada ramalhete, que são seis, de 70 réis e os pequenos, que são doze, de meio tostão e as rosas que são dezoito, a preço cada uma de 15 réis*<sup>60</sup>.

Por vezes, os retábulos e os arcos triunfais retabulares foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, a talha dourada, a azulejaria, a pintura ornamental, etc., sobressaindo nalguns templos os tetos em caixotões<sup>61</sup>, conforme se constata na igreja paroquial do Mesão Frio. Nas circunstâncias de maior empenhamento da clientela, surgem algumas obras de arte total, de grande efeito cenográfico, indicando-se como testemunhos de grande relevância a igreja da Misericórdia de Chaves (ver p.112), a igreja paroquial de Santa Maria, em Oliveira - Mesão Frio e a ermida de Nossa Senhora da Boa Morte, em Alijó.

De acordo com a prática da época, os retábulos cobriam-se com cortinados, mais ou menos dispendiosos, que os protegiam do pó. A atestar esta situação indicamos o termo, exarado pelos mesários da prestigiada irmandade de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real, em 1753: *em que se determinou se fizesse um cortinado para o altar maior, de damasco de ouro com franção e galão necessário*<sup>62</sup>.



Sanhoanhe (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial. Pormenores do embasamento, de granito, do retábulo-mor.



Mesão Frio. Igreja paroquial. Retábulo complementado por caixotões pintados e emoldurados com talha.

<sup>60</sup> PARENTE, 2015, p. 224.

<sup>61</sup> S. CARDOSO, 2010.

<sup>62</sup> PARENTE, 2015, p. 231.

## Produção



Vila Real. Igreja paroquial de São Pedro. Retábulo proveniente da antiga Capela de São Sebastião, concebido por um exímio artista do arcebispado de Braga.  
Foto Raúl Sampaio Lopes.

Quando era necessário mandar executar um novo retábulo, a primeira etapa consistia na obtenção do projeto ou risco, caso não se quisesse tomar por modelo um exemplar já existente. A clientela instruída e com maiores disponibilidades financeiras tratava de obter vários riscos para que houvesse mais possibilidades de escolha.

Em relação à feitura de *riscos* ou projetos de retábulos, constatamos que foram executados por profissionais com diferente formação. Naturalmente que as entidades mais esclarecidas e endinheiradas solicitaram a participação dos profissionais mais credenciados, incluindo clérigos com formação especializada. Só pontualmente, foi requerida a participação de artistas estrangeiros, quer originários da vizinha diocese de Tui, quer italianos, mas com oficina aberta em Braga ou no Porto. Alguns mesteirais ou *mecânicos* mais competentes acabaram também por *riscar* ou *debuxar* retábulos, satisfazendo deste modo a maioria dos interessados.

Em relação aos *riscos* ou estudos para retábulos só se conhece um, o da capela-mor da igreja paroquial de Vreia de Jales, no concelho de Vila Pouca de Aguiar (ver p. 85), dado a conhecer há alguns anos pelo investigador Armando Palavras.

No respeitante à feitura dos retábulos, depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para os executar. Na maioria das situações marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais mais frequentados. Após a consulta do projeto e, muitas vezes dos respetivos apontamentos, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances, ganhando normalmente quem lançasse a melhor proposta.

Nalguns casos, não havia qualquer concurso ou realizando-se, não se optava pela proposta mais barata, prevalecendo a qualidade do mestre escolhido.

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas entre os intervenientes, escolhia-se frequentemente um tabelião, tanto podia ser na localidade do cliente, como na do entalhador e aí se escrevia um contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo um ou mais fiadores do mestre que ajustava a execução do retábulo, e de várias testemunhas, lia-se a escritura, assinando todos no

fim. Também o projeto era assinado pelo cliente e pelo mestre que assumia a execução do retábulo, para no fim servir de referência aos profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento (quase sempre no princípio, no meio e no fim da obra), os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo dos fiadores, etc.

Como alternativa menos frequente referimos o ajuste direto, pagando-se o trabalho à semana.

Pouco usual foi a situação ocorrida na igreja de São Paulo ou dos Clérigos, em Vila Real, em 1720, em que o mestre entalhador Manuel Vieira assume a feitura do trono do retábulo da capela nas seguintes condições: *a qual obra não fiz por ajuste, mas sim, depois desta feita, posta e acabada, me dará por ela o que for justo porque entre mim e eles, reverendos oficiais, não haverá dúvida a respeito do dito valor dela (...) e à conta da dita obra recebi logo 14\$000 réis*<sup>63</sup>.

Na região em estudo, um terço das oficinas estava sediada, quer em Vila Real, quer nas localidades vizinhas (Chaves, Mesão Frio, Mondim de Basto, Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião). Os outros dois terços das oficinas eram profissionais provenientes, quer do arcebispado de Braga (Barcelos, Braga, Caminha, Guimarães, Vieira do Minho), quer do bispado do Porto (Felgueiras, Marco de Canaveses, Porto, Torrados, Unhão, Vila Nova de Famalicão). Por fim, temos conhecimento de uma oficina originária do bispado de Lamego e outra da Galiza (Ourense).

Nas situações em que os retábulos eram executados na localidade para a qual se destinavam, o cliente comprometia-se com o mestre que assumia a obra *a dar uma casa em que se recolha e possa trabalhar nas ditas obras*. Quando os retábulos eram entalhados na oficina do mestre que assumia a obra, este comprometia-se a transferi-lo, após o entalhe, para o local do destino, onde eram ensamblados, conforme se constata na escritura do ajuste da feitura do retábulo da capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Vila Real, em que fica definido que o entalhe deverá ser feito na cidade do Porto, na oficina do mestre Manuel Pereira da Costa Noronha, sendo posteriormente *conduzido do Douro para o convento (...) e quando o dito mestre trabalhar no convento se lhe dará razão de frade*<sup>64</sup>.

Em casos pontuais, usualmente associados a clientela mais elucidada, era exigido ao mestre entalhador que assumia o entalhe do re-



Vila Real. Igreja dos Clérigos.  
Pormenor do trono do retábulo-mor.

63 PARENTE, 2015, p. 148.

64 BRANDÃO, 1986, p. 480 e 481.

tábulo que arranjasse um profissional competente para executar os diversos elementos figurativos. Vejamos um exemplo ocorrido, em 1751: no ajuste do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria, em Louredo, termo de Vila Real, é exigido ao mestre Caetano José de Oliveira que *toda a obra que pertencer a escultura será feita por escultor perito e perfeito na mesma arte*<sup>65</sup>.

Em relação aos artistas e oficinas intervenientes, o acervo documental subsistente, pacientemente coligido por vários investigadores (Alexandre Alves, Ana Celeste Glória, António José de Oliveira, Armando Palavras, D. Domingos de Pinho Brandão, Eduardo Pires de Oliveira, Joaquim Jaime Ferreira Alves, Luís Alexandre Rodrigues, Natália Marinho Ferreira Alves, Salvador Parente, Selma Andrea Cardoso, Vítor Serrão, etc.) e as atribuições realizadas fornecem-nos algumas informações, não só relativas à identidade dos profissionais envolvidos, mas também sobre a sua localização.

No respeitante à feitura de riscos ou projetos de retábulos apontamos a identidade dos artistas identificados e as diversas áreas de formação:

-Arquitetos (Nicolau Nasoni, Carlos Amarante e Joaquim da Costa Sampaio).

-*Curiosos* (André Soares da Silva, padre António Soares da Silva, frei Francisco do Espírito Santo, padre José Bacelar de Sousa Ramalho).

-Escultores, entalhadores e pintores (André Martins Robião, António José Pereira, Frutuoso de Azevedo, João António da Silva, José António da Cunha Correia do Vale, frei José de Santo António Vilaça, Manuel Alves da Macomboia, Manuel Pereira da Costa Noronha, Miguel Francisco da Silva, Pedro Monteiro de Sousa, Tristão Correia).

Já em relação às oficinas de entalhe de madeira constatamos a presença de quatro dezenas, enumeradas, por ordem alfabética:

-Alonso Martínez Montánchez, André Martins Robião, António da Costa, António Dias, António Gomes, António José Pereira, António Pereira da Costa, Caetano José de Oliveira, Cornélio Guilherme, Domingos Martins Fagundes, Domingos Martins Pereira, Filipe da Costa, Francisco António Pereira, Francisco Barbosa, Francisco Dias de Araújo, Francisco Fernandes, Francisco Fernandes, Francisco Vieira da Silva, Francisco Xavier Correia, Frutuoso de Azevedo, Garcia Fernandes de Oliveira, Jacinto da Silva, João António da Silva, João Baptista, João Correia Ferrei-



Vila Real. Igreja paroquial de São Dinis. Retábulo-mor concebido pelo padre José Bacelar.  
Foto SIPA 153840

<sup>65</sup> FERREIRA ALVES, 1983, p. 164.

ra, João Correia Monteiro, João Pinto de Magalhães, João da Silva de Freitas, José António da Cunha Correia do Vale, José António Machado, José Luís Nogueira, Manuel Machado, Manuel Pereira da Costa Noronha, Manuel de Sousa Rebelo, Manuel Vieira, Pedro Coelho, Pedro Monteiro de Sousa e Pedro Jorge.

Finalmente referimos duas oficinas de pintura, ambas dos meados de Quinhentos: uma da modalidade de fresco, a de Tristão Correia, sediada em Chaves e a outra a óleo: a de Pedro de França, com oficina aberta nos arredores de Murça.

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais que trabalharam para a região em estudo, quer permanentemente, quer em períodos restritos. Excluímos, contudo, os técnicos de modalidades artísticas complementares aos retábulos, a saber, outras obras de talha, pintura de cavalete, escultura de vulto perfeito e diversas modalidades ditas mecânicas (o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem<sup>66</sup>).

#### Alonso Martínez Montánchez (1614)

Mestre escultor radicado em Ourense, na diocese espanhola de Santiago de Compostela.

Em 1614, de parceria com o seu colega Cornélio Guilherme, ajusta a feitura de um retábulo colateral para a igreja matriz de Chaves<sup>67</sup>. Este exemplar já não subsiste.

#### André Martins Robião (1729)

Mestre entalhador e *debuxador* de retábulos com oficina aberta em Vila Real. Em maio de 1729, encontrava-se a executar o retábulo, já inexistente, da capela da ordem terceira de São Francisco, desta localidade. De salientar que o debuxo deste exemplar serviu de modelo a um retábulo lateral, ainda subsistente, que é ajustado, no dia 5 de maio deste mesmo ano, pelo mestre Francisco Vieira da Silva para a igreja do Salvador, em Torgueda, termo de Vila Real<sup>68</sup> (ver p. 117).

É possível atribuir-lhe o risco e o entalhe do retábulo principal da ermida ou capela de Nossa Senhora dos Anjos, em Sapiãos (ver p. 115), atendendo a algumas afinidades compositivas com o retábulo da capela de Santo António, na igreja da sé de Lamego, da sua provável autoria.



Santa Valha (Valpaços).  
Capela de Santa Maria  
Madalena. Pormenor do  
retábulo-mor, pintado por  
Tristão Correia.  
Foto Carlos Vieira.

<sup>66</sup> As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

<sup>67</sup> V. SERRÃO, 1998, p. 315.

<sup>68</sup> FERREIRA ALVES, 1983, pp.135 a 140, 151 e 152.

**André Soares da Silva** (década de 1750 – f. 1769)

Clérigo de ordens menores, residente na cidade de Braga e um dos mais prestigiados debuxadores de arquitetura e de retábulos.

Têm-lhe sido atribuídos os riscos dos seguintes retábulos:

-Os dois laterais, gémeos, da capela do palácio de Mateus, em Vila Real, obra mandada executar pelo proprietário, um dos membros do Cabido da sé de Braga<sup>69</sup>. De referir que estes exemplares se destinavam a receber as relíquias, nomeadamente o corpo do mártir São Marcos, já existentes na anterior capela.

-O de São Vicente, hoje do Sagrado Coração de Jesus, na igreja paroquial de Murça, mas proveniente do extinto mosteiro de religiosas beneditinas desta localidade<sup>70</sup> (ver p. 137).



Vila Real. Igreja paroquial de São Pedro.  
Oratório da sacristia.  
Foto SIPA 184296.

**António da Costa** (1708)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. A 19 de julho de 1708, de parceria com Filipe da Costa, assume a obra de carpintaria da sacristia, incluindo o oratório em talha, da igreja paroquial de São Pedro, em Vila Real<sup>71</sup>, obra ainda sobrevivente.

**António Dias** (1737 - 1746)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. A 7 de janeiro de 1746, ajusta várias obras de carpintaria, incluindo a feitura do retábulo para a capela-mor da igreja de São Tomé do Castelo, termo de Vila Real<sup>72</sup>. Este exemplar ainda subsiste, mas com algumas remodelações posteriores.

**António Gomes** (cerca de 1731)

Exímio mestre entalhador com oficina aberta na cidade do Porto. Nos finais da década de 1720, é possível estar associado ao entalhe do retábulo da capela-mor da igreja paroquial do Salvador, em Sabrosa (ver p. 119), atendendo a que este último exemplar utiliza colunas idênticas às que este profissional, de parceria com outros mestres entalhadores portuenses, executa nos seguintes retábulos: em janeiro de 1718, na capela-mor da igreja do mosteiro de São Bento de Ave Maria, na cidade do Porto<sup>73</sup>; em novembro de 1718, na capela da Árvore de Jessé, na igreja do convento de São Francisco, também no Porto<sup>74</sup> e, por fim, em 1725, na capela-mor da igreja do mosteiro de Jesus, em Aveiro<sup>75</sup>.

69 E. OLIVEIRA, 2014, pp. 152 e 153.

70 LOPES, 2014, 3, p. 189.

71 FERREIRA, 2007, p. 72.

72 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 146, 160 e 161; S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 39 e 40.

73 BRANDÃO, 1985, p. 493.

74 BRANDÃO, 1985, p. 528.

75 BRANDÃO, 1985, p. 693.

### António José Pereira (1786 - 1807)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na vila do Mesão Frio.

A 10 de maio de 1786, de parceria com José António da Cunha, de Guimarães, ajusta o entalhe do retábulo da capela-mor e de quatro retábulos laterais da igreja paroquial de São Faustino, no Peso da Régua, de acordo com um risco concebido pelo seu colega vimaranense<sup>76</sup>. Estes exemplares ainda subsistem, quer o da capela-mor (ver p. 146), quer os laterais.

A 30 de janeiro de 1807, assume com o procurador dos religiosos do mosteiro de Belém, detentores da comenda desta freguesia, a feitura do retábulo, ainda subsistente, da igreja matriz de São Dionísio, em Vila Real, de acordo com um debuxo idealizado pelo padre José Bacelar de Sousa Ramalho<sup>77</sup> (ver p. 66).

Atribuímos a este profissional os riscos, concebidos em 1798, para o retábulo da capela-mor e para os dois colaterais da igreja matriz de Medrões - Santa Marta de Penaguião, atendendo às grandes semelhanças compositivas com obras da sua autoria, designadamente na igreja da Misericórdia de Penafiel<sup>78</sup>. De referir que o entalhe dos dois retábulos colaterais de Medrões é assumido, em 1799, pelo mestre Francisco António Pereira (ver p. 147).

### António Pereira da Costa (1745)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga, na Rua dos Pelames. A 28 de fevereiro de 1745, contrata a execução do retábulo principal da igreja de São Vicente de Galafura, concelho de Peso da Régua<sup>79</sup>, exemplar remanescente, embora parcialmente remodelado.

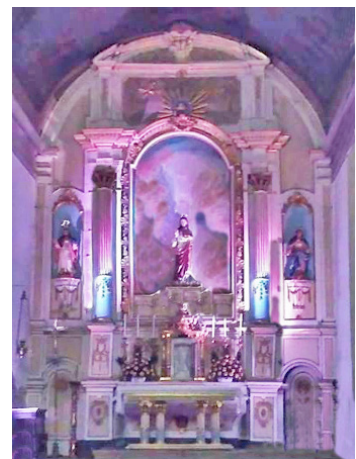
### António Soares da Silva, padre (1760 - f. 1770)

Era irmão de André Soares, residindo com ele nos últimos anos da vida. Pároco em Santiago de Lousada e depois em São Bartolomeu de São Gens, Fafe, tendo sido nomeado secretário da Casa do Despacho do Concelho Episcopal. Dedicou-se também ao debuxo de retábulos.

Raul Lopes atribui-lhe a autoria do risco do retábulo da capela-mor e dos quatro laterais da igreja paroquial de Afonsim, Vila Pouca de Aguiar<sup>80</sup> (ver pp. 140 e 48).



Penafiel. Igreja da Misericórdia.  
Retábulo colateral.  
Foto Hélio Ramos.



Medrões (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial.  
Retábulo-mor.

76 PALAVRAS, 2013, pp. 26 e 36; PALAVRAS, 2019, pp. 45, 57 a 60.

77 FERREIRA, 2007, pp. 37 e 38.

78 MENESES, 2004, p. 162.

79 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 271.

80 LOPES, 2014, 1, pp. 379 a 381

**Caetano José de Oliveira (1751)**

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Ladário, no atual concelho de Marco de Canaveses, bispado do Porto.

A 3 de outubro de 1751, ajusta o entalhe do retábulo principal, já inexistente, da igreja de Santa Maria de Louredo, concelho de Santa Marta de Penaguião, pela quantia de 260\$000 réis. De salientar que entre as cláusulas há uma que refere que *toda a obra que pertencer a escultura será feita por escultor perito e perfeito na mesma arte*<sup>81</sup>.



Arroios (Vila Real). Capela de Nossa Senhora das Dores. Retábulo. Foto SIPA 13054

**Carlos Luís Ferreira Amarante (1774 - f. 1815)**

Engenheiro e debuxador de arquitetura e de retábulos. Residiu em Braga, em Lisboa (década de 1790) e posteriormente na cidade do Porto. José Inácio Peixoto, nas suas *Memórias particulares de Braga*, refere que *na arquitetura e desenho depois de André Soares ficou com os maiores créditos Carlos Amarante*<sup>82</sup>.

Raúl Lopes atribui-lhe o risco do retábulo principal da ermida ou capela de Nossa Senhora das Dores, em Arroios, Vila Real<sup>83</sup>.

**Cornélio Guilherme (1614)**

Mestre escultor, que em 1614, de parceria com o seu colega Alonso Martínez Montánchez, ajusta a feitura de um retábulo colateral para a igreja matriz de Chaves<sup>84</sup>. Este exemplar já não subsiste.

**Domingos Martins Fagundes (1731)**

Mestre entalhador natural de Vilar, concelho de Vieira do Minho. No dia 25 de março de 1731, ajusta a feitura dos retábulos colaterais, de madeira de castanho, para a igreja paroquial de Sever, concelho de Santa Marta de Penaguião, pela quantia de 770\$000 réis<sup>85</sup>. Estes exemplares ainda sobrevivem.

Neste mesmo ano, era assistente na obra da igreja paroquial de Santa Comba, em Moura Morta, Peso da Régua, sendo possível atribuir-lhe o entalhe do arco triunfal retabular deste mesmo templo.

**Domingos Martins Pereira (1755 - 1792)**

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Fornelos, termo de Santa Marta de Penaguião.

A 13 de julho de 1755, de parceria com um pintor e dourador da cidade de Lamego, contrata uma obra de talha (painéis para o coro e púl-



Sever (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial. Retábulo colateral.

81 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 148, 163 e 164.

82 <http://www2.adb.uminho.pt/NOVOInacio/index.htm>.

83 LOPES, 2014, pp. 442 e 443.

84 V. SERRÃO, 1998, p. 315.

85 PALAVRAS, 2013, p. 20.

pito) para a igreja paroquial de Sedielos<sup>86</sup>, sendo plausível que tenha executado algum retábulo.

Em 1790, no dia 8 de fevereiro, de parceria com o seu filho José Martins ajusta com os irmãos António de Queirós de Mesquita e o padre João de Queirós, da Casa do Pinheiro da freguesia de Sanhoane, *uma obra e tribuna de entalhamento na sua capela da Quinta da Timpeira, do termo de Vila Real (...) e se obrigavam a fazer-lhe a dita obra pela planta e forma do que se acha nas casas do Pinheiro*<sup>87</sup>. Desconhecemos se subsiste.

Por fim, a 17 de setembro de 1792, assume a feitura do retábulo principal para a capela de Santa Marta, em Santa Marta de Penaguião.<sup>88</sup> Este modesto exemplar ainda existe.

### Filipe da Costa (1708)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. A 19 de julho de 1708, de parceria com António da Costa, assume a obra de carpintaria da sacristia, incluindo o oratório em talha, da igreja de São Pedro, em Vila Real<sup>89</sup> (ver p. 68).

Alguns anos antes, este profissional executara o retábulo da capela-mor deste templo<sup>90</sup>, exemplar do qual nada resta.

### Francisco António Pereira (1799)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Sedielos, termo de Peso da Régua. A 18 de fevereiro de 1799, assume a feitura de dois retábulos colaterais para a igreja paroquial de Medrões - Santa Marta de Penaguião<sup>91</sup>, com eventual risco do mestre António José Pereira, do Mesão Frio (ver p. 147).

### Francisco Barbosa (1739)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Fontes, Santa Marta de Penaguião. A 1 de setembro de 1739, de parceria com o seu colega João Baptista, assume o retábulo da capela de Nossa Senhora dos Remédios, da freguesia de Medrões (ver p. 129)<sup>92</sup>. É possível atribuir-lhes o retábulo-mor da igreja paroquial de Murça.

### Francisco Dias de Araújo (1777 - 1778)

Mestre entalhador com oficina aberta na região de Barcelos. Em dezembro de 1777, por delegação do mestre José António da Cunha, de



Santa Marta de Penaguião.  
Capela de Santa Marta.  
Retábulo.  
Foto SIPA 1036213



Murça. Igreja paroquial.  
Retábulo-mor, da eventual  
autoria de Francisco Barbosa  
e João Batista, com oficina  
aberta em Fontes.

86 PALAVRAS, 2019, pp. 44, 54 a 56.

87 PALAVRAS, 2019, pp. 43, 46 a 48.

88 PALAVRAS, 2013, pp. 34 e 38.

89 FERREIRA, 2007, p. 72.

90 FERREIRA, 2007, pp. 51 e 60.

91 PALAVRAS, 2013, p. 25.

92 S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 35 e 36; PALAVRAS, 2013, pp. 33 e 38; PALAVRAS, 2019, p. 43.



Constantim (Vila Real).  
Igreja paroquial. Sacrário  
do retábulo-mor.



Sever (Santa Marta de  
Penaguião).  
Igreja paroquial.  
Pormenor do retábulo-mor e  
dos caixotões da cobertura.

Guimarães, ajusta a feitura de vários retábulos do santuário do Senhor Jesus de Parafita, termo de Alijó. Pouco depois, entra em conflito com o seu colega<sup>93</sup>, deixando provavelmente de trabalhar nesta obra.

#### **Francisco do Espírito Santo, frei (1758)**

Religioso, da Ordem de Santo Agostinho, no convento de São João Novo, no Porto e debuxador de retábulos.

Em 1758, concebe um novo risco para o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santo Adrião, em Sever, concelho de Santa Marta de Penaguião, cujo entalhe é assumido a 15 de dezembro desse ano pelo mestre entalhador Francisco Fernandes<sup>94</sup>.

#### **Francisco Fernandes (cerca de 1674)**

Mestre entalhador com oficina aberta em Caminha. Atendendo a que este profissional executa o sacrário rotativo da capela do Santíssimo Sacramento, na igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Caminha<sup>95</sup>, é possível atribuir-lhe o entalhe do retábulo e o sacrário, também rotativo, da igreja paroquial de Santa Maria da Feira, em Constantim, no concelho de Vila Real (ver p. 97).

#### **Francisco Fernandes (1758 - 1760)**

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Outeiro de Sande, freguesia de Landim, então no termo de Barcelos.

A 15 de dezembro de 1758, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Sever, concelho de Santa Marta de Penaguião, pela quantia de 450\$000 réis, de acordo com o novo risco concebido por frei Francisco do Espírito Santo, religioso da Ordem de Santo Agostinho, no convento de São João Novo, no Porto<sup>96</sup>. Pouco tempo depois, no dia 2 de abril de 1759, paga 57\$600 réis ao seu colega Manuel Pereira da Costa Noronha, da cidade do Porto, que tinha assumido a feitura deste mesmo retábulo e, entretanto, interrompera por falta de pagamento. Francisco Fernandes concluiu a execução deste retábulo, cuja escritura de quitação é lavrada no dia 26 de setembro de 1760<sup>97</sup>. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 120).

#### **Francisco Vieira da Silva (1729)**

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia e concelho de São João de Vieira do Minho.

93 FERREIRA ALVES, 1987, pp. 63 a 65; LOPES, 2014, 1, p. 190.

94 PALAVRAS, 2013, pp. 20 e 35.

95 MARTINS, 1988, p. 346; LAMEIRA e LADEIRA, 2015, pp. 52 e 53.

96 PALAVRAS, 2013, pp. 20 e 35.

97 BRANDÃO, 1987, pp. 143 a 147.

A 10 de maio de 1729, ajusta a execução de três retábulos, que ainda existem, para a igreja do Salvador, em Torgueda, termo de Vila Real: dois colaterais (ver p. 116), incluindo o revestimento em talha do frontispício do arco triunfal e um lateral, do lado do Evangelho. Este último tomava por modelo um debuxo do retábulo da capela da ordem terceira de São Francisco, em Vila Real, que então estava a ser executado pelo mestre André Martins<sup>98</sup>.

**Francisco Xavier Correia** (antes de 1783)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. Antes de 1783, contrata por 500\$000 réis, com o administrador da comenda de São Miguel das Três Minas, cujo comendador era o Conde de Oeiras, a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção de Vreia de Jales, concelho de Vila Pouca de Aguiar, de acordo com um risco que ainda subsiste<sup>99</sup> (ver p.85). O retábulo remanescente não corresponde ao dito risco.

**Frutuoso de Azevedo** (princípios do século XVIII – cerca de 1720)

Mestre entalhador e eventualmente debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga.

Atribuímos a este profissional o risco e o entalhe do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São João de Lobrigos, no concelho de Santa Marta de Penaguião (ver p. 105) e os da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Chaves (ver p. 112), atendendo às semelhanças compositivas destes exemplares com o retábulo da capela de Nossa Senhora da Piedade, no claustro da igreja da sé, em Braga, eventualmente da sua autoria. Em todos estes retábulos, no ático é aplicada uma composição muito pouco usual: a utilização de arcos salomónicos diferenciados em cada um dos tramos.

**Garcia Fernandes de Oliveira** (1748)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia da Penha Longa, concelho de Marco de Canaveses.

A 31 de março de 1748, ajusta diversas obras na ermida de São Pedro, em Medrões, concelho de Santa Marta de Penaguião, entre elas o entalhe dos retábulos colaterais, que deveriam seguir o modelo dos da igreja de Sever<sup>100</sup>. Estes exemplares ainda sobrevivem (ver p. 47).

**Jacinto da Silva** (1744 - 1753)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Bra-



Torgueda (Vila Real). Igreja paroquial.  
Pormenor de retábulo colateral.



Braga. Catedral.  
Capela de Nossa Senhora da Piedade.  
Retábulo.

98 FERREIRA ALVES, 1983, pp.135 a 140, 151 e 152.

99 PALAVRAS, 2017, pp. 40 e 41.

100 PALAVRAS, 2011, pp. 33 e 38.

ga. Em 1744, estava em Vila Real, eventualmente a executar algum retábulo. Nesta ocasião é-lhe passada uma procuração<sup>101</sup>.

Alguns anos depois, em 1753, faz os apontamentos do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Cristóvão, em Parada de Cunhos, termo de Vila Real, tomando por modelo a *obra que se acha feita na colegiada de Santa Ana deste vila, pela mesma planta e fábrica dela*. De referir que o entalhe é assumido pelo mestre Manuel Machado<sup>102</sup>. Não só subsiste o retábulo de Parada de Cunhos (ver p. 135), como o da referida colegiada, em Vila Real (ver p. 134), muito provavelmente entalhado pelo mestre bracarense e que apresentam algumas afinidades com o altar de Nossa Senhora da Luz, em Braga.

Por fim, a 7 de dezembro de 1763, arremata a feitura de três retábulos para a ermida ou capela da Senhora da Pena, em Mouçós - Vila Real, sendo fiador o seu filho Luís Manuel da Silva, também entalhador<sup>103</sup>. Estes exemplares ainda existem (ver pp. 139 e 61).

É possível atribuir a Jacinto da Silva a feitura dos quatro retábulos lateais da igreja paroquial de Afonsim (ver p. 48), atendendo às semelhanças compositivas com os anteriormente referidos retábulos colaterais da capela de Nossa Senhora da Pena, em Mouçós.

### João António da Silva (1731 - 1733)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos, originário de Vila Nova de Famalicão, assistente em Vila Real nos primeiros anos da década de 1730.

A 17 de maio de 1731, ajusta *com o procurador da irmandade da capela de Nossa Senhora da Assunção, chamada da Azinbeira, da freguesia de São Martinho de Anta*, no termo de Vila Real, a feitura de dois retábulos colaterais, pela quantia de 150\$000 réis, de acordo *com uma planta que apresentou*<sup>104</sup>, eventualmente cedida pelo seu colega bracarense, Pedro Monteiro de Sousa, como veremos de seguida. Estes retábulos ainda subsistem (ver p. 122).

No dia 30 de abril de 1732, arremata a obra do retábulo principal da igreja paroquial de São Martinho de Mateus, no termo de Vila Real, pela quantia de 237\$000 réis<sup>105</sup> (ver p. 123). De salientar que num escudo sustentado por um anjo tocheiro existente no camarim pode ler-se uma



Braga. Igreja de São Paulo.  
Retábulo de Nossa Senhora  
da Luz.  
Foto José João Loureiro.



Mateus (Vila Real). Igreja paroquial.  
Capela-mor. Anjo.

101 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1981, pp. 12 e 13.

102 FERREIRA ALVES, 1979, pp. 5 a 15.

103 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 349.

104 FERREIRA ALVES, 1984, pp. 56 a 62.

105 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 153 e 154.

inscrição, correspondente ao douramento e pintura deste retábulo: *Esta obra mandou fazer o Reverendo Cônego Luís Botelho Mourão, fabriqueiro da sé de Braga. 1737.*

No ano seguinte ainda estava em Vila Real, onde passa uma procuração<sup>106</sup>, cujo conteúdo se desconhece.

### João Baptista (1739)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Fontes - Santa Marta de Penaguião.

A 1 de setembro de 1739, de parceria com o seu colega Francisco Barbosa, assume o retábulo da capela de Nossa Senhora dos Remédios, em Medrões - Santa Marta de Penaguião<sup>107</sup> (ver p. 129). É possível atribuir-lhes o retábulo-mor da igreja paroquial de Murça (ver p. 71).

### João Correia Ferreira (1756)

Desconhecemos em que localidade este mestre entalhador, de modesta formação, tinha a sua oficina.

Em 1756, assume a feitura do retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, na igreja matriz de Santa Maria, em Chaves<sup>108</sup>, exemplar ainda subsistente.

### João Correia Monteiro (1767)

Mestre pedreiro e entalhador, originário de Lixa, comarca de Guimarães, mas com oficina aberta em Ferreirim, termo de Tarouca, no bispado de Lamego.

Aos 3 de junho de 1767, contrata o entalhe da *tribuna da capela e retábulos colaterais* da igreja de Nossa Senhora das Candeias, na então vila de Canelas, atual concelho de Peso da Régua<sup>109</sup>. Esta obra não deve ter sido executada, pois uma nova escritura é ajustada, pouco tempo depois, com o mestre Manuel de Sousa Rebelo, morador em Mondim de Basto.

### João Pinto de Magalhães (1729)

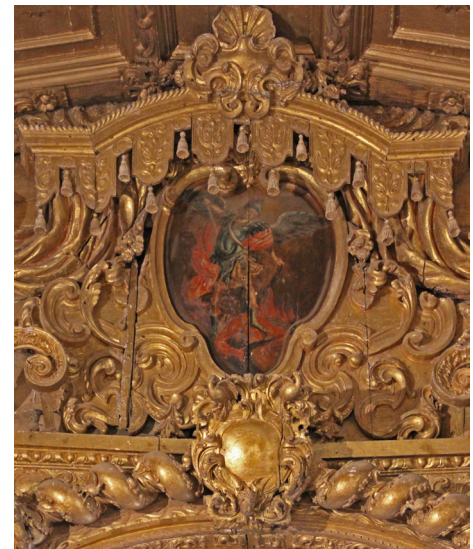
Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. A 13 de janeiro de 1729, assume a feitura *de dois retábulos colaterais, com seu arco e frontispício*, para a igreja paroquial de São Miguel de Lobrigos - Santa Marta de Penaguião<sup>110</sup> (ver p. 118).

### João da Silva de Freitas (1793)

Mestre carpinteiro com oficina aberta em Santiago de Burgães, ou-



Chaves. Igreja paroquial de Santa Maria.  
Retábulo do Santíssimo.  
Foto SIPA 728292



São Miguel de Lobrigos (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial.  
Pormenor do arco triunfal retabular.

106 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1981, p. 13.

107 S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 285 a 32.

108 DINIS, 2004.

109 ALVES, 2001, 2, pp. 246, 252 a 254.

110 FERREIRA, 2007, pp. 75 a 77; S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 28 a 32.



Covas do Douro (Sabrosa).  
Igreja paroquial.  
Retábulo Neobarroco.  
Foto SIPA 956171



Peso da Régua. Igreja paroquial.  
Retábulo lateral.  
Foto SIPA 1035781.

trora no termo da cidade do Porto.

No dia 2 de março de 1793, de parceria com o seu colega José Luís Nogueira, do lugar do Pé do Monte, concelho de Felgueiras, arremata a obra de carpintaria da capela-mor, sacristia, retábulo e tribuna da igreja de São João Baptista, em Covas do Douro, concelho de Sabrosa<sup>111</sup>. Este exemplar ainda sobrevive.

### Joaquim da Costa Lima Sampaio (década de 1830)

Arquiteto residente na cidade do Porto. É muito provável ter concebido o projeto do jazigo-capela e do seu altar no cemitério do Peso da Régua<sup>112</sup>.

### José António da Cunha Correia do Vale (1777 - 1786)

Ilustre mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Guimarães.

Em dezembro de 1777, delega no mestre entalhador Francisco Dias de Araújo, a adjudicação dos vários retábulos do santuário do Senhor Jesus de Parafita, termo de Alijó, com risco da sua eventual autoria<sup>113</sup>. No ano seguinte, também em dezembro, celebra nova escritura, depois de entrar em litígio com o seu colega, comprometendo-se a dar esta obra concluída até finais de junho de 1778<sup>114</sup>. Estes exemplares ainda subsistem, quer o da capela-mor (ver p. 145), quer os laterais.

A 10 de maio de 1786, de acordo com um risco da sua autoria, ajusta o entalhe do retábulo da capela-mor e de quatro retábulos laterais para a igreja paroquial de São Faustino, no Peso da Régua, de parceria com o seu colega António José Pereira, do Mesão Frio<sup>115</sup>. Estes exemplares ainda subsistem, quer o da capela-mor (ver p. 146), quer os laterais.

### José António Machado (1799)

Mestre entalhador natural do lugar de Pedras, freguesia de Sever, concelho de Santa Marta de Penaguião.

Desconhecemos a sua intervenção na região em estudo, encontrando-se, em 1799, a trabalhar na diocese de Bragança<sup>116</sup>.

### José Bacelar de Sousa Ramalho, padre (1807)

Exercia funções na igreja matriz de São Dinis, em Vila Real, quando concebe o risco para o retábulo da capela-mor deste templo, cujo

111 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1981, pp. 8 e 15.

112 QUEIROZ, s.d., p. 125.

113 LOPES, 2014, 1, p. 190.

114 FERREIRA ALVES, 1987, pp. 63 a 65; LOPES, 2014, 1, p. 190.

115 PALAVRAS, 2013, pp. 23 e 36.

116 GLÓRIA, 2016, p. 326.

entalhe é assumido, a 30 de janeiro de 1807, pelo mestre António José Pereira, da vila do Mesão Frio<sup>117</sup>.

### José Luís Nogueira (1793)

Mestre carpinteiro com oficina aberta no lugar do Pé do Monte, concelho de Felgueiras, no bispado do Porto.

No dia 2 de março de 1793, de parceria com o seu colega João da Silva de Freitas, de Santiago de Burgães, então no termo da cidade do Porto, arremata a obra de carpintaria da capela-mor, sacristia, retábulo e tribuna da igreja de São João Baptista, em Covas do Douro, concelho de Sabrosa<sup>118</sup>. Este exemplar ainda subsiste.

### José de Santo António Vilaça, frei (c. 1770)

Prestigiado mestre entalhador e *debuxador* de retábulos que, em 1757, ingressa na Ordem beneditina.

Por volta de 1770, vivendo no mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, no bispado do Porto, é possível ter concebido o *risco* e feito o entalhe do retábulo de Nossa Senhora do Carmo, em Vila Real (ver p. 142), por encomenda dos devotos de Nossa Senhora do Carmo, sediados na igreja da Santa Casa da Misericórdia daquela vila transmontana.



Vila Real. Igreja paroquial de São Dinis.  
Pormenor do retábulo-mor.  
Foto SIPA 153840.

Vila Real. Igreja da Misericórdia.  
Pormenor do retábulo de Nossa Senhora do Carmo.  
Foto Hélio Ramos.

### Luís Manuel da Silva (1763)

Credenciado mestre entalhador com oficina aberta em Braga. Era filho do consagrado mestre Jacinto da Silva, da mesma cidade.

A 7 de dezembro de 1763, é fiador do seu pai na escritura em que este último se compromete a executar três retábulos para a capela da Senhora da Pena, freguesia de Mouços, concelho de Vila Real<sup>119</sup>.

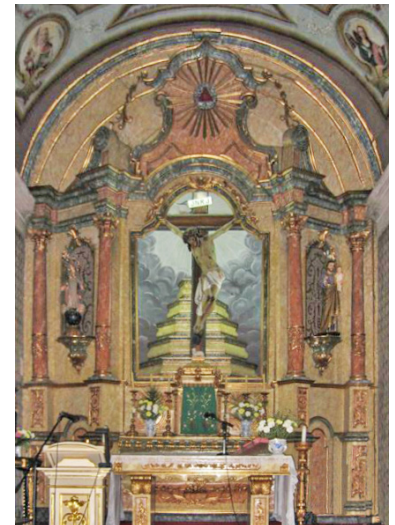
### Manuel Alves Macomboia (princípios de Oitocentos – f. 1815)

*Mestre das obras da Universidade de Coimbra*. É possível ter feito, nos princípios do século XIX, o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Alijó, pertencente à comenda da Universidade de Coimbra.

### Manuel Machado (1749 - 1753)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de São João do Baião, concelho de Unhão, no bispado do Porto.

A 10 de novembro de 1749, arremata a feitura de quatro retábulos



Alijó. Igreja paroquial.  
Retábulo-mor, com eventual  
risco de Manuel Alves  
Macomboia.  
Foto SIPA 727480

117 FERREIRA, 2007, pp. 37 e 38.

118 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1981, pp. 8 e 15.

119 E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 349.



Parada de Cunhos (Vila Real).  
Igreja paroquial.  
Pormenor do retábulo-mor.  
Foto Raúl Sampaio Lopes.

e o revestimento em talha do arco triunfal da igreja paroquial de São Pedro, em Nogueira, concelho de Vila Real, pela quantia de 302\$000 réis<sup>120</sup>. Desconhecimentos se subsiste.

No dia 13 de fevereiro de 1753, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Cristóvão, em Parada de Cunhos, no termo de Vila Real, pela quantia de 165\$000 réis, de acordo com *os apontamentos* realizados pelo mestre Jacinto da Silva, da cidade de Braga<sup>121</sup> (ver p. 135).

#### **Manuel Pereira da Costa Noronha (1744 - 1759)**

Insigne mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua Direita de Santo Ildefonso, extramuros. Era filho de Luís Pereira da Costa, um dos mais proeminentes entalhadores portuenses.

No dia 27 de outubro de 1744, assume o entalhe de várias obras, incluindo o retábulo da capela-mor, da igreja de Santo Adrião de Sever-Santa Marta de Penaguião<sup>122</sup>, obra que principia, mas que interrompe pouco depois, por falta de pagamento, desvinculando-se da mesma, somente no dia 2 de abril de 1759, quando o seu colega Francisco Fernandes, da freguesia de Landim, lhe paga a quantia de 57\$600 réis<sup>123</sup>.

A 4 de outubro de 1745, na cidade do Porto, ajusta o retábulo, já inexistente, da capela-mor da igreja do convento de São Domingos, em Vila Real, pela quantia de 770\$000 réis<sup>124</sup>, comprometendo-se inclusivamente a fazer *uma planta para o trono*.

#### **Manuel de Sousa Rebelo (1768 - 1772)**

Mestre entalhador com oficina aberta em Mondim de Basto. Em junho de 1768, contrata a feitura dos retábulos da capela de Nossa Senhora das Candeias, da então vila de Canelas, mandados fazer por ordem de Sua Majestade. Como faltou ao contrato, foi preso no castelo de Lamego, onde se encontrava em fevereiro de 1772, quando se compromete a concluir os retábulos dentro de um mês<sup>125</sup>. Estes exemplares ainda remanescem, apesar de adulterados em data posterior.

#### **Manuel Vieira (1716 - 1720)**

Mestre entalhador com oficina aberta em São Pedro de Torrados,

120 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 146, 148 e 162.

121 FERREIRA ALVES, 1979, pp. 6 a 15.

122 BRANDÃO, 1986, pp. 463 a 466; CARDOSO, 2010, 2, p. 38.

123 BRANDÃO, 1987, pp. 143 a 147; CARDOSO, 2010, 2, p. 48.

124 FERREIRA ALVES, 1983, pp. 144, 145, 157 a 159; BRANDÃO, 1986, pp. 476 a 482.

125 ALVES, 2001, 3, pp. 13 a 15.

concelho de Felgueiras, no bispado do Porto.

No dia 6 de novembro de 1716, ajusta o apainelamento do forro da capela-mor e a remodelação do retábulo principal da igreja de São Pedro, em Vila Real<sup>126</sup>. O retábulo subsistente é bastante posterior.

Por fim, a 13 de março de 1720, assume com o mordomo e os oficiais da irmandade de São Paulo dos clérigos a feitura do trono para o retábulo da capela-mor da sua igreja, ficando determinado que *a qual obra não fiz por ajuste, mas sim, depois desta feita, posta e acabada, me dará por ela o que for justo porque entre mim e eles, reverendos oficiais, não haverá dúvida a respeito do dito valor dela (...) e à conta da dita obra recebi logo 14\$000 réis*<sup>127</sup>. Esta intervenção ainda sobrevive (ver pp. 65 e 110).

### Miguel Francisco da Silva (1732 – f. 1750)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador de retábulos, originário da cidade de Lisboa, mas com oficina aberta na cidade do Porto, a partir de 1727.

Em 1732, é possível ter concebido o risco do retábulo da capela-mor da igreja de São Martinho, em Mateus, termo de Vila Real (ver p. 123), pois denota algumas afinidades compositivas com outros retábulos da sua autoria e que apresenta como cabeça de série o da sé do Porto. De referir que o entalhe foi assumido pelo mestre João António da Silva.

### Nicolau Nasoni (c. 1739 – f. 1773)

Pintor e arquiteto de origem italiana, natural de Siena. Depois de ter trabalhado na ilha de Malta, fixa-se na cidade do Porto, onde adquire grande notoriedade.

Por volta de 1739, data em que pinta a cobertura da igreja paroquial de Santa Eulália, na Cumieira – Santa Marta de Penaguião, é possível ter feito o *risco* de várias obras neste templo<sup>128</sup>, nomeadamente o retábulo principal, o arco triunfal retabular e dois retábulos laterais, um de Nossa Senhora da Conceição (ver p. 131) e o outro, atualmente de Nossa Senhora de Fátima.

### Pedro Coelho (1687 - 1688)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar do Olival, freguesia de Gondar, termo de Guimarães.

Em 1687, executa o retábulo, já inexistente, da capela-mor da igre-



Cumieira (Santa Marta de Penaguião). Igreja paroquial. Retábulo lateral.

126 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1981, pp. 14, 15 e 21; BRANDÃO, 1985, pp. 468 a 470; S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 25 a 27.

127 PARENTE, 2015, p. 148.

128 BRANDÃO, 1986, pp. 379 e 380; SMITH, 1966, p. 167.

ja paroquial de Murça<sup>129</sup>.

A 4 de janeiro de 1688, assume com o Cabido da colegiada de Guimarães a feitura de três retábulos destinados a igrejas paroquiais então anexas a Murça, a saber Nossa Senhora, no Fiolhoso, São Sebastião no Pópulo e Santa Maria Madalena, no Candedo<sup>130</sup>. Os dois últimos já não subsistem e o do Fiolhoso foi bastante remodelado, em data posterior.

**Pedro de França** (1564 - 1565)

Mestre pintor natural da aldeia transmontana de França, nas imediações da vila de Murça.

Em 1564 - 1565, por mandado do Cabido da colegiada de Guimarães pinta um retábulo para a igreja matriz de Murça que, na opinião de Reinaldo dos Santos, corresponde ao tríptico ainda subsistente na igreja matriz desta localidade<sup>131</sup> (ver p. 33) e que se destinava ao altar-mor.

**Pedro Jorge** (1703 - 1709)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Real. A 21 de outubro de 1703, ajusta com os mordomos da confraria do Santíssimo da igreja matriz de São Dionísio, em Vila Real, a execução do retábulo para a capela-mor, pela quantia de 100\$000 réis, *com seis colunas da moda, como se usa*<sup>132</sup>. Este exemplar já não subsiste.

A 10 de julho de 1709, assume o entalhe do oratório da sacristia da igreja de São Paulo, da irmandade dos clérigos, em Vila Real, pela quantia de 37\$400 réis (ver p. 109).

**Pedro Monteiro de Sousa** (c. 1726)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Braga. Por volta de 1730, emigra para a região de Minas, no Brasil, fixando a sua oficina na localidade atualmente designada por Tiradentes.

Por volta de 1726, é possível ter concebido o risco para os retábulos da igreja paroquial de Mosteiro, no concelho de Vieira do Minho, incluindo os dois laterais. Estes últimos servirão de modelo não só aos que este profissional utiliza na igreja paroquial da referida localidade de Tiradentes<sup>133</sup>, mas também nos que o seu colega de profissão João António da Silva apresentou, em 1731, quando ajustou o entalhe de dois retábulos laterais na ermida de Nossa Senhora da Azinheira, no termo de Sabrosa (ver p. 122).



Vila Real, Igreja de São Paulo.  
Pormenor do oratório da sacristia.



Mosteiro (Vieira do Minho). Igreja paroquial.  
Retábulo das Almas.  
Foto Raúl Sampaio Lopes.

129 V. SERRÃO, 2003, p. 100.

130 A. OLIVEIRA, 2011, 2, p. 13; V. SERRÃO, 2003, p. 100.

131 SANTOS, 1942, pp. 77 e 78.

132 FERREIRA, 2007, p. 29.

133 LAMEIRA, PEDROSA, BOHRER e LOUREIRO, 2017, pp. 126 e 127.

### Tristão Correia (1555)

Mestre pintor que, em 1550 e 1552, ainda residia em Coimbra, onde são batizados dois filhos na freguesia de Santiago<sup>134</sup>. Pouco depois transfere-se para Chaves.

Em 1555, pinta um retábulo fingido na ermida de Santa Maria Madalena, em Valpaços, conforme se constata numa inscrição ainda subsistente no embasamento (ver p. 90) e os dois colaterais ao arco triunfal, remanescendo o do lado do Evangelho, ainda que parcialmente mutilado.



Valpaços. Ermida de Santa Maria Madalena. Pormenor do retábulo-mor.  
Foto Carlos Vieira

134 V. SERRÃO, s.d.

Mateus (Vila Real). Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor.



## Catálogo de projetos e estudos de retábulos



## Apontamentos e risco

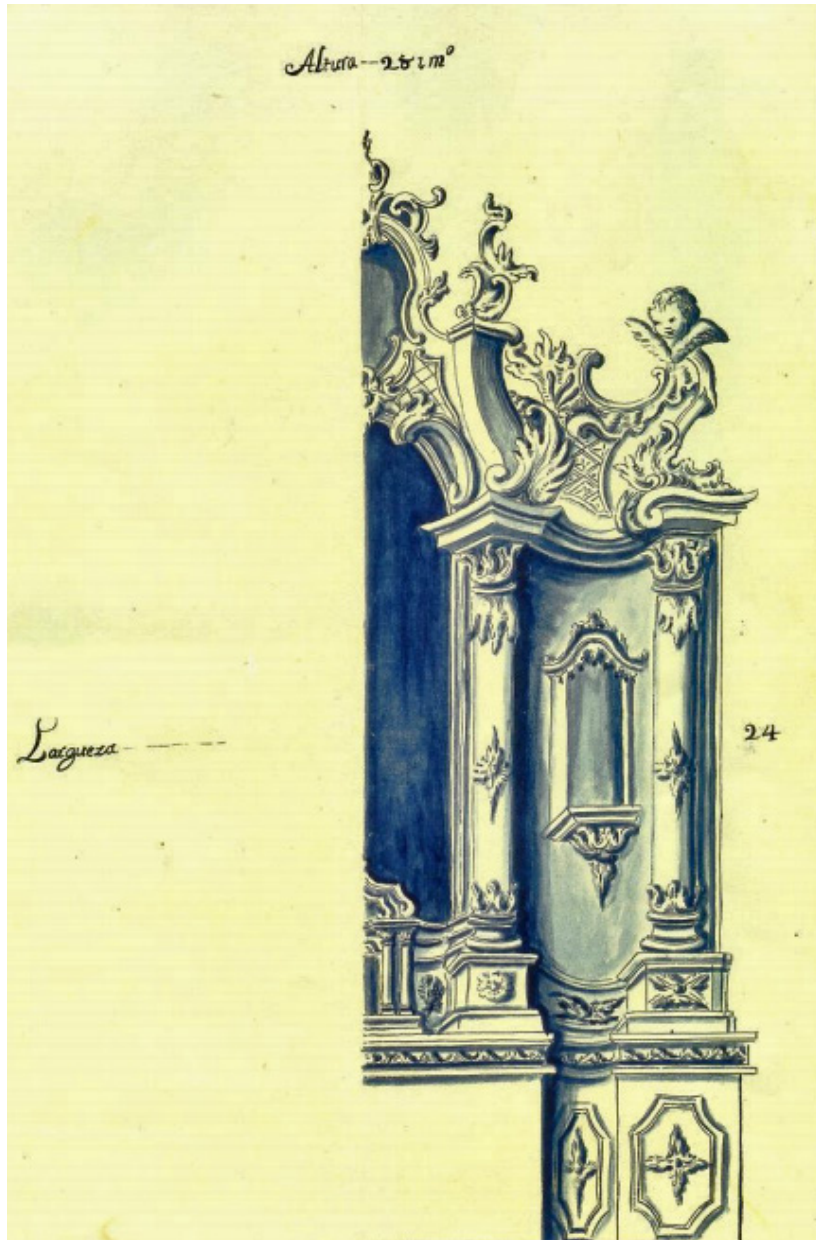
*Apontamentos pelos quais se há de fazer o retábulo da capela maior da igreja de Vreia de Jales, o qual será feita e executada na forma deste risco.*

- 1 *Será feita de madeira muito seca e sã, para que não rache.*
- 2 *Será bem lavrada e limpa e muito justa em toda obra e ressaltos.*
- 3 *Será a talha moderna, bem feita e na forma do risco executada.*
- 4 *Será este retábulo feito com vão e escadas para a entrada do camarote.*

*Apontamentos por onde se hão de dourar e pintar o dito retábulo.*

- 1 *Será aparelhado com cola de retalho branco e fino e levará todas as mãos necessárias para a obra ficar segura.*
- 2 *Será toda talha que se acha no retábulo dourada a ouro subido e brunido que fique com bom lustro e bem agemado.*
- 3 *Será fosqueado o ouro onde a talha o pedir.*
- 4 *Serão todos os filetes, que se acharem nas molduras, dourados na mesma forma da talha.*
- 5 *Serão os lisos, que se acham no mesmo retábulo, feitos de pedra fingida em variedade de cores, a saber vermelho, lápis lazúli, rosado e cor de pérola; tudo com tintas finas e serão brunidos todos estes jaspes ou envernizados com verniz branco. Advirto que o lápis lazúli terá seus raios de ouro.*

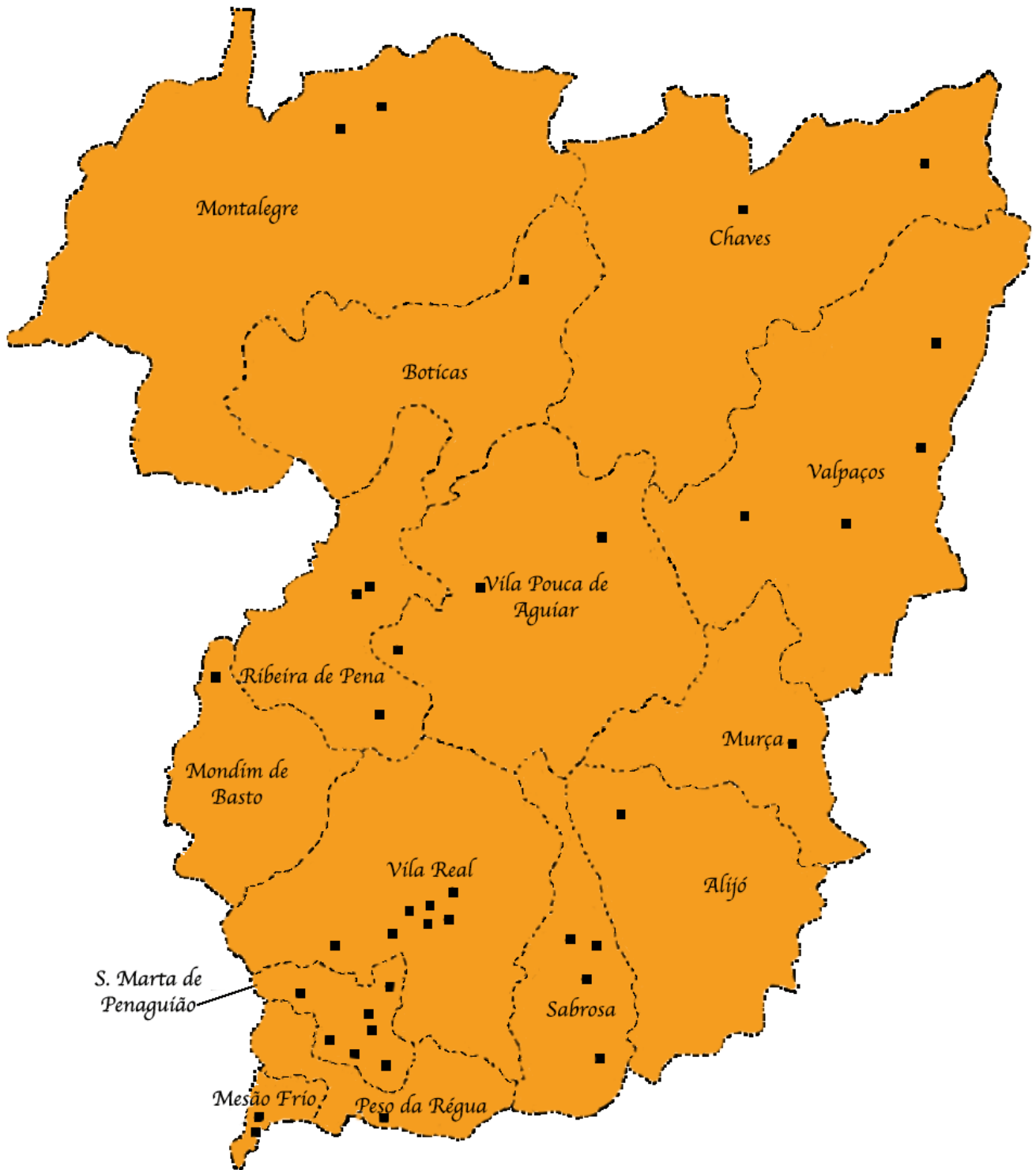
*Lanço nesta obra, assim de madeira como de pintura, na forma que consta do risco e apontamento em quinhentos mil reis. Francisco Xavier Correa.*

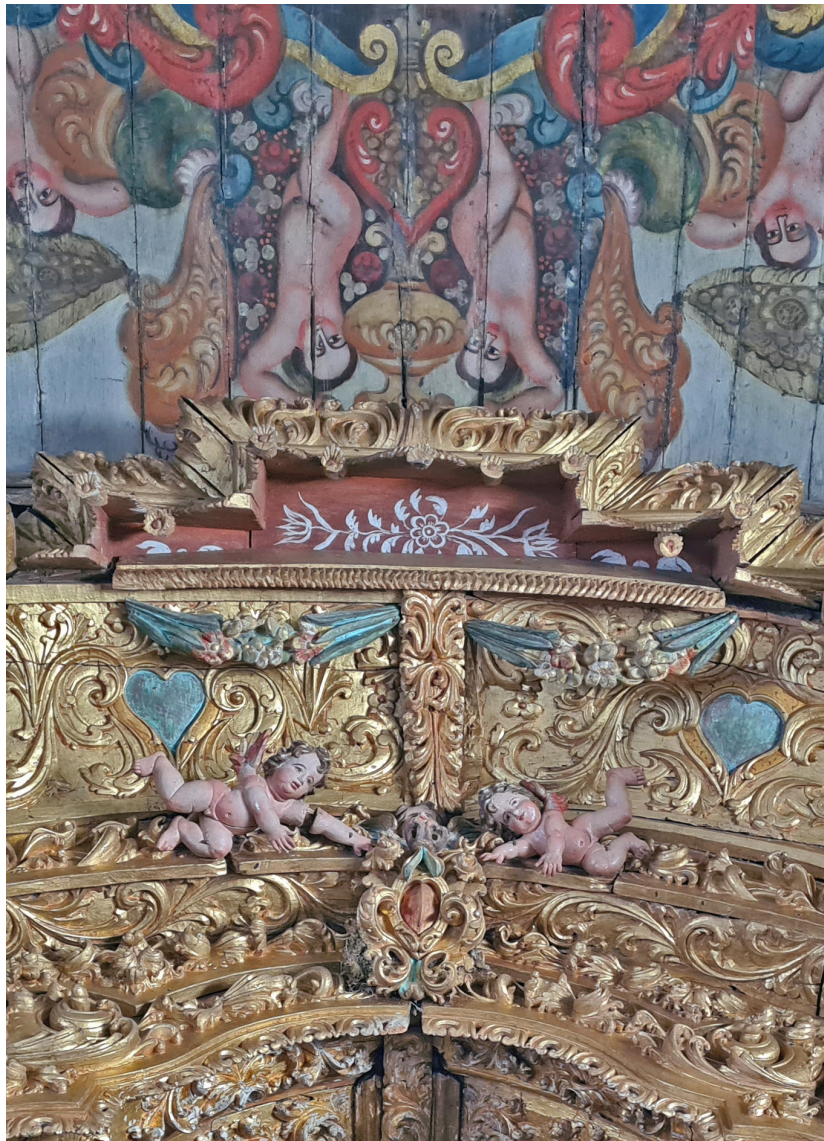


Biblioteca Nacional, Arquivo Pombal, *Manuscrito 46*, in Palavras, 2017, pp. 40 e 41

### Mapa da localização dos retábulos selecionados







Santa Marinha (Ribeira de Pena). Capela de Nossa Senhora da Conceição.  
Pormenor do retábulo-mor.

## Catálogo dos retábulos selecionados



Celeirós (Sabrosa). Capela da Casa da Fonte.  
Retábulo.  
Foto SIPA 838384



**Santa Valha (Valpaços).** Retábulo principal da capela de Santa Maria Madalena. Pintura mural.

1555: Tristão Correia.

Inscrição subsistente no friso inferior: *Esta capela se reformou com satisfações de penitência (...) a mandou fazer A(fonso) Luís Capelão (...) pintou-se na era de 1555 e pintou-a Tristão Correia, de Chaves.*

Foto Carlos vieira



Vila Jusã (Mesão Frio). Retábulo de São Sebastião, na igreja paroquial de São Martinho. Madeira entalhada e dourada. Finais do século XVI / princípios do XVII:entalhe - Profissionais eventualmente oriundos do Porto.



Chaves. Retábulo principal da capela de Nossa Senhora das Brotas. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
Cerca de 1661: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real.



**Mateus** (Vila Real). Retábulo colateral da igreja paroquial de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Meados do século XVII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real. A mesa do altar e o primeiro registo do embasamento resultam de um acréscimo das primeiras décadas de Setecentos.



**Bornes de Aguiar** (Vila Pouca de Aguiar). Retábulo colateral da igreja paroquial de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Meados do século XVII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real. A mesa do altar já é da segunda metade de setecentos. Foto: Município de Vila Pouca de Aguiar.



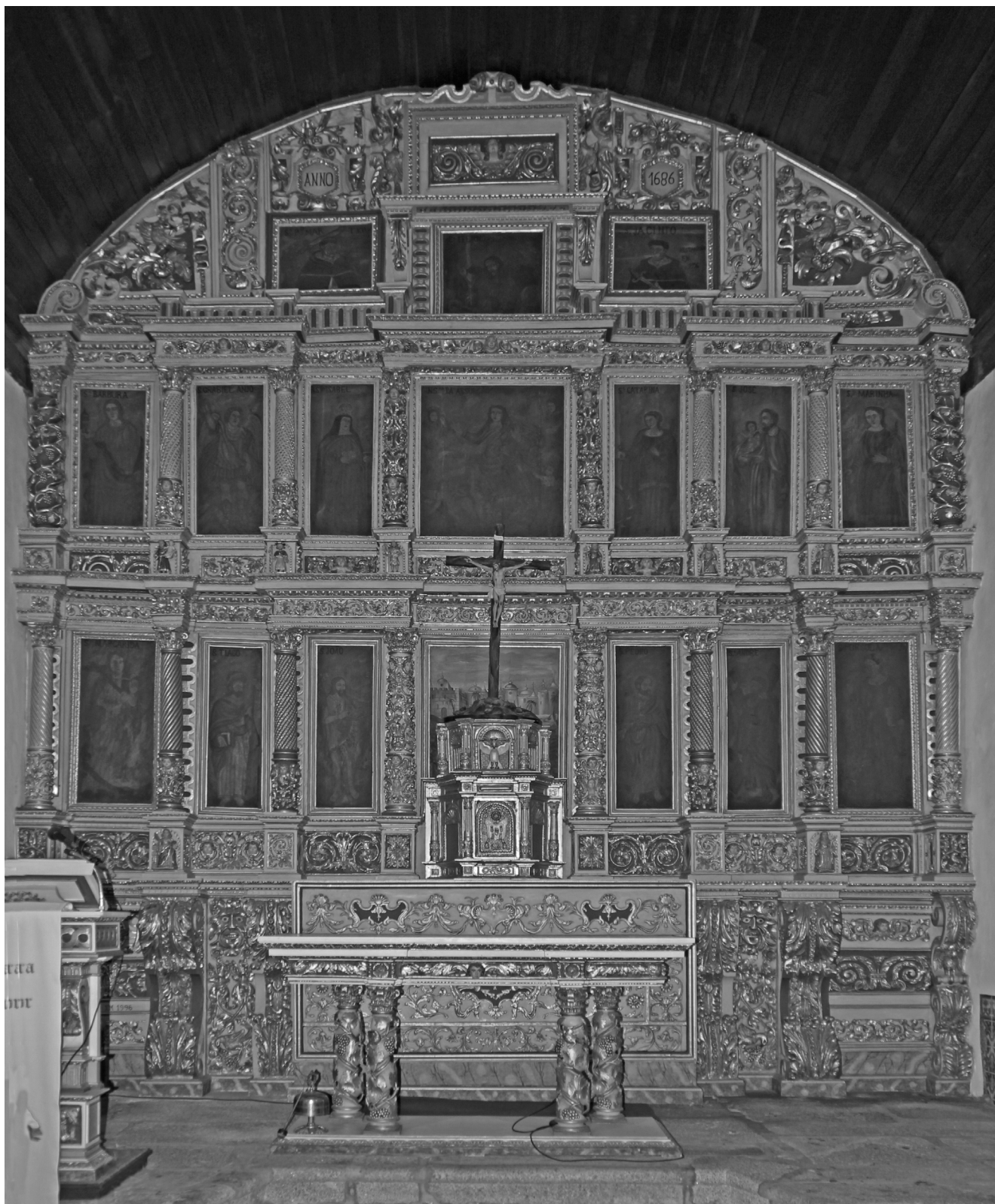
Arroios (Vila Real). Retábulo do Calvário, na igreja paroquial de São João Batista, proveniente da igreja da Cumieira. Madeira entalhada, dourada e policromada. Meados do século XVII: entalhe - profissionais provavelmente originários de Vila Real.



Viduedo (Vila Pouca de Aguiar). Retábulo principal da capela de Santa Ana. Madeira entalhada, dourada e pintada.  
Meados do século XVII: entalhe - profissionais com modesta formação.  
Foto: Município de Vila Pouca de Aguiar.



Constantim (Vila Real). Retábulo principal da igreja paroquial de Santa Maria da Feira. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1674: entalhe - Francisco Fernandes (?), mestre com oficina aberta em Caminha.



Fontes (Santa Marta de Penaguião). Retábulo principal da capela de São Sebastião. Madeira entalhada, dourada e pintada.  
1686: entalhe - profissionais com modesta formação.



Cambeses do Rio (Montalegre). Retábulo principal da capela de Frades. Madeira entalhada, dourada e pintada. Último quartel do século XVII: entalhe - profissionais com modesta formação.



Vila Real. Retábulo lateral da igreja de São Paulo ou dos Clérigos. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
Último quartel do século XVII: entalhe – profissionais com oficina aberta eventualmente em Vila Real.



Cimo de Vila de Castanheira (Chaves). Retábulos da frontaria da capela de São Sebastião. Madeira entalhada, dourada e pintada. Últimas décadas do século XVII: entalhe - profissionais com modesta formação.



Atei (Mondim de Basto). Retábulo da capela de Nossa Senhora das Necessidades. Madeira entalhada, dourada e pintada.  
Finais do século XVII, princípios do XVIII: entalhe - profissionais com modesta formação.  
Foto: Município de Mondim de Basto.



Ardãos (Boticas). Retábulo principal da capela de Santo António. Madeira entalhada, dourada e pintada.  
 Finais do século XVII, princípios do XVIII: entalhe - profissionais com modesta formação.  
 Foto: União das Juntas de Freguesia de Ardãos e Bobadela.



Bornes de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar). Retábulo principal da igreja paroquial de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Princípios do século XVIII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real. Foto: Município de Vila Pouca de Aguiar.



São João de Lobrigos (Santa Marta de Penaguião). Retábulo principal da igreja paroquial de São João. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
Princípios do século XVIII: risco e entalhe - Frutuoso de Azevedo (?), mestre com oficina aberta na cidade de Braga.



Vilarinho de São Romão (Sabrosa). Retábulo principal da igreja paroquial de São Romão. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Princípios do século XVIII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real.



Vilarinho de São Bento (Vila Pouca de Aguiar). Retábulo principal da capela de São Bento. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Príncípios do século XVIII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real. Foto Marco Amaro.



Mesão Frio. Arco triunfal retabular da igreja paroquial de São Faustino. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
Princípios do século XVIII: entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real.



Vila Real. Oratório da sacristia da igreja de São Paulo ou dos Clérigos. Madeira entalhada e predominantemente dourada. 1709 a 1711: entalhe - Pedro Jorge, mestre com oficina aberta em Vila Real (FERREIRA, 2007, p. 74).



Vila Real. Retábulo principal da igreja de São Paulo ou dos Clérigos. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Década de 1710; trono: 1720 - Manuel Vieira, mestre com oficina aberta na cidade do Porto (PARENTE, 2015, p. 148).



Vila Real. Retábulo das Santas Mães, na igreja matriz de São Dinis. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
 Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta provavelmente em Vila Real



Chaves. Retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
Cerca de 1720: entalhe – Frutuoso de Azevedo (?), mestre com oficina aberta na cidade de Braga.  
Foto: Hélio Ramos



Santa Valha (Valpaços). Retábulo de Nosso Senhor Jesus Cristo *Ecce Homo*, na igreja paroquial de Santa Eulália. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1722: entalhe - profissionais originários de Vila Real (?); douramento: 1725 - eventualmente Gaspar de Magalhães (L. RODRIGUES, 2010-2012, pp. 303 a 305).



Constantim (Vila Real). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santa Maria da Feira. Década de 1720: entalhe - profissionais originários provavelmente de Vila Real.



Sapiãos (Boticas). Retábulo principal da capela de Nossa Senhora dos Anjos. Madeira entalhada e com vestígios de douramento. Cerca de 1724 – António Gomes (?), prestigiado mestre com oficina aberta na cidade do Porto. Foto: Município de Boticas.



Torgueda (Vila Real). Arco triunfal retabular da igreja paroquial do Salvador. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
1729: entalhe - Francisco Vieira da Silva, mestre originário de Vieira do Minho (FERREIRA ALVES, 1983, pp.135 a 140, 151 e 152).



Torgueda (Vila Real). Retábulo lateral, na igreja paroquial do Salvador. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
 1729: entalhe - Francisco Vieira da Silva, mestre originário de Vieira do Minho (FERREIRA ALVES, 1983, pp.135 a 140, 151 e 152).



São Miguel de Lobrigos (Santa Marta de Penaguião). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de São Miguel. Madeira entalhada e predominantemente dourada. 1729: entalhe - João Pinto de Magalhães, mestre com oficina aberta em Vila Real (FERREIRA, 2007, pp. 75 a 77).



Sabrosa. Retábulo principal da igreja paroquial de São Salvador. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
1731: entalhe - António Gomes (?), prestigiado mestre com oficina aberta na cidade do Porto.



Sever (Santa Marta de Penaguião). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de Santo Adrião. Madeira entalhada, dourada e pintada. 1731: entalhe - Domingos Martins Fagundes, mestre com oficina aberta em Vilar - Vieira do Minho (PALAVRAS, 2013, p. 20).



Constantim (Vila Real). Retábulo lateral, na igreja paroquial de Santa Maria da Feira. Segundo quartel do século XVIII: entalhe - profissionais originários provavelmente de Vila Real.



São Martinho da Anta (Sabrosa). Retábulo lateral na capela de Nossa Senhora da Azinheira. Madeira entalhada e predominantemente dourada. 1731: entalhe - João António da Silva, mestre originário de Vila Nova de Famalicão (FERREIRA ALVES, 1984, pp. 56 a 62).



Mateus (Vila Real). Retábulo principal da igreja paroquial de São Martinho. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
 1732 e 1733: entalhe - João António da Silva, natural de Vila Nova de Famalicão, então assistente em Vila Real (FERREIRA ALVES, 1984, pp. 153 e 154); douramento - 1737.



Santa Marinha (Ribeira de Pena). Retábulo principal da capela de Nossa Senhora da Conceição. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Década de 1730: entalhe - mestre com oficina aberta provavelmente em Vila Real.



Provesende (Sabrosa). Retábulo das Almas, na igreja paroquial. Madeira entalhada e predominantemente dourada.  
 Década de 1730: entalhe - profissionais provavelmente oriundos do Porto.





Provesende (Sabrosa). Retábulos colaterais da igreja paroquial. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Década de 1730

Frontispício do arco triângular. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

Década de 1750: risco e entalhe - profissionais provavelmente oriundos da cidade de Braga.



Água Revés (Valepaços). Retábulo da capela da Casa Mariz Sarmento. Madeira entalhada dourada e pintada.  
Antes de 1737: entalhe - primeira campanha;  
1737: segunda campanha - profissionais eventualmente originários de Vila Real.  
Foto Jorge Rozeira



Medrões (Santa Marta de Penaguião). Retábulo principal da capela de Nossa Senhora dos Remédios. Madeira entalhada, dourada e policromada.  
1739 a 1741: entalhe - Francisco Barbosa e João Baptista, ambos da então vila de Fontes, concelho de Santa Marta de Penaguião (S. CARDOSO, 2010, 2, pp. 35 e 36).



Cumieira (Santa Marta de Penaguião). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Eulália. Madeira entalhada e predominantemente dourada.

Cerca de 1739: risco - Nicolau Nasoni (?), prestigiado pintor e arquiteto italiano, morador na cidade do Porto (SMITH, 1966, p. 167); entalhe - profissionais eventualmente originários da mencionada localidade.



Cumieira (Santa Marta de Penaguião). Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Santa Eulália. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1739: risco - Nicolau Nasoni (?), prestigiado pintor e arquiteto italiano, morador na cidade do Porto (SMITH, 1966, p. 167); entalhe - profissionais eventualmente originários da referida localidade.



Atei (Mondim de Basto). Retábulo principal da ermida das Almas. Madeira entalhada, dourada e policromada. Década de 1740: entalhe – profissionais com eventual oficina aberta em Vila Real. Foto: Município de Mondim de Basto.



Alvadia (Ribeira de Pena). Retábulo da capela de Nossa Senhora dos Remédios. Madeira entalhada, dourada e pintada. Década de 1740: entalhe – profissionais eventualmente originários da vizinha localidade de Mondim de Basto.



Vila Real. Retábulo principal da capela da colegiada de Santa Ana. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Cerca de 1752 - Jacinto da Silva (?), prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga.



Parada de Cunhos (Vila Real). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Cristóvão. 1753: apontamentos e entalhe - Jacinto da Silva, prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. Tomava por modelo a obra que se acha feita na colegiada de Santa Ana deste vila, pela mesma planta e fábrica dela (FERREIRA ALVES, 1979, pp. 5 a 15).  
Foto Raúl Sampaio Lopes.



Provesende (Sabrosa). Retábulo da capela-mor da igreja paroquial. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.  
Década de 1750: risco e entalhe - profissionais provavelmente oriundos da cidade de Braga.



Murça. Retábulo do Sagrado Coração de Jesus, da igreja do extinto mosteiro de São Bento, atualmente na igreja paroquial. Madeira entalhada, dourada e pintada. Década de 1750: riscó - André Soares (?), prestigiado debuxador bracarense (LOPES, 2014, 3, p. 189); entalhe - profissionais provavelmente originários da cidade de Braga.



Sanhoane (Santa Marta de Penaguião). Retábulo de Santo António, na igreja paroquial de Santo André. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1761: entalhe - profissionais eventualmente originários da cidade do Porto.



Mouçós (Vila Real). Retábulo principal da capela de Nossa Senhora da Pena. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.  
1763: entalhe - Jacinto da Silva, prestigiado mestre com oficina aberta na cidade de Braga (E. OLIVEIRA, 2011, 3, p. 349).



Afonsim (Vila Pouca de Aguiar). Retábulo principal da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada, dourada e pintada.

Década de 1760: risco - padre António Soares da Silva(?), irmão do prestigiado debuxador bracarense André Soares (LOPES, 2014, 1, pp. 379 a 381); entalhe - profissionais provavelmente originários da cidade de Braga.

Foto: Município de Vila Pouca de Aguiar.



Possacos (Valpaços). Retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Década de 1760: risco e entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real.



Vila Real. Retábulo de Nossa Senhora do Carmo, na igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Cerca de 1770: risco e entalhe - frei José de Santo António Vilaça (?), prestigiado entalhador e debuxador beneditino. Foto: Hélio Ramos.



Ribeira de Pena. Retábulo do transepto, na igreja paroquial do Salvador. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.  
 Década de 1770: risco e entalhe - profissionais provavelmente originários de Entre Douro e Minho.  
 Foto Raúl Sampaio Lopes.



Ribeira de Pena. Retábulo lateral, na igreja paroquial do Salvador. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.  
Década de 1770: risco e entalhe - profissionais provavelmente originários de Entre Douro e Minho.  
Foto Raúl Sampaio Lopes.



Vila Verde (Alijó). Retábulo principal do santuário do Senhor de Perafita. Madeira entalhada, dourada e pintada.

1777: risco - José António da Cunha Correia do Vale (?), prestigiado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta em Guimarães; entalhe - Francisco Dias Araújo, da região de Barcelos e o referido José António da Cunha Correia do Vale (FERREIRA ALVES, 1987, pp. 63 a 65).



Peso da Régua. Retábulo principal da igreja paroquial de São Faustino. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.

1786: risco - José António da Cunha Correia do Vale, prestigiado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta em Guimarães; entalhe - António José Pereira, do Mesão Frio e o referido José António da Cunha Correia do Vale (PALAVRAS, 2013, pp. 23 e 36).



Medrões (Santa Marta de Penaguião). Retábulo colateral da igreja paroquial do Divino Salvador. Madeira entalhada, dourada e pintada de branco.  
 1799: risco - António José Pereira (?), mestre entalhador e debuxador, sediado no Mesão Frio; entalhe - Francisco António Pereira, mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Sedielos, no termo de Peso da Régua (PALAVRAS, 2013, p. 25).



Carrazedo de Montenegro (Valpaços). Retábulo principal da igreja paroquial de São Nicolau. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Primeiras décadas do século XIX: risco e entalhe - profissionais eventualmente originários de Vila Real.



Mesão Frio. Retábulo colateral da igreja do antigo convento de São Francisco. Madeira entalhada e pintada. Primeiras décadas do século XIX: risco e entalhe - profissionais com modesta formação.



Montalegre. Retábulos da frontaria da igreja da Santa Casa da Misericórdia. Madeira entalhada e policromada.  
Século XIX: risco e entalhe – profissionais eventualmente originários da região de Chaves.  
Foto: Hélio Ramos.

## Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

- ALVES, Alexandre (2001) – *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, 3 vols., Viseu.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1985) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1700 a 1725*, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1986) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1726 a 1750*, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1987) – *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. 1751 a 1775*, Porto.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes (2011) – “O mecenato dos leigos: cultura artística e religiosa”, *Arte sacra no Brasil colonial*, Belo Horizonte, pp. 95-111.
- CAPELA, José Viriato - coord. (2005) - *As freguesias do distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*, Braga.
- A. CARDOSO, António Manuel Monteiro (2004) - *A Revolução Liberal em Trás-os-Montes (1820-1834). O Povo e as Elites*, tese de doutoramento, Lisboa.
- S. CARDOSO, Selma Andrea Cardoso e (2010) –, *Definição tipológica dos tetos em caixotões de talha do distrito de Vila Real: sub-região do Douro*, dissertação de mestrado, Porto.
- CASTRO, João Batista de (1762) - *Mapa de Portugal antigo e moderno*, Lisboa.
- CLEMENTE, Manuel (2013) - *A Fé do Povo - Compreender a Religiosidade Popular*, Apelação.
- DINIS, António (2004) – “Igreja paroquial de Chaves / Igreja de Santa Maria”, *SIPA, IHRU*, [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)
- FERREIRA, Joaquim Barros (2007) – “Acheegas para um dossier de artífices das igrejas e capelas de Vila Real e seu termo”, *Cadernos Culturais*, Vila Real.
- FERREIRA ALVES, Natália Matinho (1979) – “O retábulo da capela-mor da igreja de S. Cristóvão de Parada de Cunhos”, Sep. da *Revista Bracara Augusta*, vol. 33, Braga, pp.1 a 29.
- FERREIRA ALVES, Natália Matinho (1983) – “Elementos para o estudo da talha setecentista transmontana”, *Revista Estudos Transmontanos*, Vila Real, 1983, pp.133 a 164.
- FERREIRA ALVES, Natália Matinho (1984) – “Subsídios para a história da capela de Nossa Senhora da Azinheira (S. Martinho de Anta)”, *Revista Estudos Transmontanos*, Vila Real, pp.53 a 70.
- FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1987) – *O santuário do Senhor de Perafita. Aspectos da mentalidade religiosa popular na segunda metade do século XVIII*, Vila Real.
- FERREIRA ALVES, Natália Matinho e FERREIRA ALVES, Joaquim J. B. (1981) – “Alguns artistas e artífices setecentistas de Entre Douro e Minho em Vila Real e seu termo. Subsídio para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam em Trás-os-Montes nos séculos XVII – XVIII (2)”, Sep. da *Revista Bracara Augusta*, vol. XXXV, Braga, pp.1 a 23.
- FIGUEIREDO, Ana Paula Valente (2008) – *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição. Análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*, tese de doutoramento, Lisboa.

**FIGUEIREDO**, Paula (2009) – “Convento de São Francisco, Vila Real”, *SIPA*, IHRU, [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

**FREIRE**, António de Oliveira (1739) - *Descrição corográfica do reino de Portugal*, Lisboa.

**GLÓRIA**, Ana Celeste (2016) – “Novos contributos para o estudo dos artistas e artífices setecentistas do concelho de Carrazeda de Ansiães”, *Revista CEPIHS*, n.º 6, Vila Nova de Famalicão, pp. 307 a 335.

**GONÇALVES**, Flávio (1981) – “A talha na arte religiosa de Guimarães”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães, pp. 337 a 365.

**LAMEIRA**, Francisco (2009) – *O Retábulo nas Misericórdias Portuguesas* (Promontoria Monográfica História da Arte 04), Faro.

**LAMEIRA**, Francisco, **EVARISTO**, Carlos, **LOUREIRO**, José João (2016) – *Retábulos Relicários* (Promontoria Monográfica História da Arte 13), Faro.

**LAMEIRA**, Francisco e **LADEIRA**, Paulo (2015) – *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (Promontoria Monográfica História da Arte 10), Faro.

**LAMEIRA**, Francisco, **LOUREIRO**, José João e **VECHINA**, Frei José Carlos (2015) – *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (Promontoria Monográfica História da Arte 11), Faro.

**LAMEIRA**, Francisco, **PEDROSA**, Aziz José de Oliveira, **BOHRER**, Alex Fernandes e **LOUREIRO**, José João (2017) – “Retábulos em Minas Gerais”, *Promontoria Monográfica História da Arte 16*, Universidade do Algarve.

**LOPES**, Raúl Cristóvão Sampaio (2014) – *Le Rococo Minhoite. L'art dans la province de Braga dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*, thèse doctorale, 3 tomes, Paris, 2014.

**MALDONADO**, Luís (1975) - *Religiosidad Popular Nostalgia de lo Magico*, Madrid.

**MARQUES**, João Francisco (1996) – “Poder eclesiástico e implantação regional: os limites do arcebispado bracarense através dos tempos”, *Atas III Jornadas de estudo Norte de Portugal – Aquitânia*, Porto.

**MARTINS**, Fausto (1988) – Estudo iconográfico do retábulo – sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja matriz de Caminha”, *Revista da Faculdade de Letras*, Porto.

**MECO**, José (2001), “Contaminações dos materiais e das formas. Arcos triunfais retabulares”, *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, p. 311.

**NOÉ**, Paula (2004) – “Capela da colegiada de Santa Ana / Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real”, *SIPA*, IHRU, [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)

**A. OLIVEIRA**, António José (2011) – *Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII*, tese de doutoramento, 3 volumes, Porto.

**E. OLIVEIRA**, Eduardo Alberto Pires de (2011) – *André Soares e o Rococó do Minho*, tese de doutoramento, 3 volumes, Porto.

**E. OLIVEIRA**, Eduardo Alberto Pires de (2014) – *Braga de André Soares*, Vila Nova de Famalicão.

**PALAVRAS**, Armando (2011) – *Os tetos durienses: a iconografia religiosa setecentista nas pinturas dos templos da região demarcada*, tese de doutoramento, Lisboa.

PALAVRAS, Armando (2013) – “A atividade construtora nos templos de Penaguião no século XVIII”, *Revista Teles, de Cultura Transmontana e Duriense*, n.º 59, Vila Real, pp. 18 a 39.

PALAVRAS, Armando (2017) – “Aspetos da arte periférica setecentista no distrito de Vila Real”, *Revista Teles, de Cultura Transmontana e Duriense*, n.º 66, Vila Real, pp. 34 a 55.

PALAVRAS, Armando (2019) – “Oficinas, sociedades e parcerias de artífices e artistas na arte periférica duriense na época de Setecentos”, *Revista Tellus, de Cultura Transmontana e Duriense*, n.º 70, Vila Real, pp. 41 a 67.

PARENTE, Salvador (2015) – *A Capela Nova*, Vila Real.

QUEIROZ, Francisco (s.d.) – *A capela sepulcral da família Ferreira – relações socio-artísticas entre o Porto e a Régua na década de 1840*, Porto.

RIBEIRO, António Augusto (2004) – *As Gentes do Douro Vinhateiro: Tradições e Manifestações Religiosas*, dissertação de mestrado, Guimarães.

J. RODRIGUES, José Carlos Meneses (2004) – *Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa (séculos XVII – XVIII)*, Porto.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2010 – 2012) – “Notícias da atividade do entalhador João Francisco e do pintor Gaspar de Magalhães”, *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, vol. IX – XI, pp. 303 a 305.

SÁ, José António de (1780-1781) – *Memória Académica sobre a Província de Trás os Montes*, Lisboa.

SANTA ANA, frei Belchior de (1657) – *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa.

SANTOS, Reinaldo dos (1942) – “O tríptico de Murça, do pintor Pedro de França”, *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, XI, Lisboa, pp. 74 a 78.

SERRÃO, Joel *et alii* (1976) – “População ativa e população na vida religiosa em Trás-os-Montes nos finais do século XVIII”, *Análise Social*, vol. XII (47), pp. 748-762.

SERRÃO, Vítor (1998) – *André de Padilha e a pintura quincentista entre o Minho e a Galiza*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (2003) – *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (s.d.) – “Pintura Maneirista no Nordeste Transmontano, entre periferias e modernidade: algumas contribuições”, *Colóquio de História de Arte e Património*, Macedo de Cavaleiros.

SMITH, Robert C. (1966) – *Nicolau Nasoni. Arquiteto do Porto*, Lisboa.

SOUSA, Fernando de e FERREIRA ALVES, Natália Marinho – coord. (2011) – *A Santa Casa da Misericórdia de Vila Real. História e Património*, Porto.

SOUSA, Fernando de e GONÇALVES, Sílvia (1987) – *Memórias de Vila Real*, 2 vols., Vila Real.

TORGA, Miguel (1980) – *Portugal*, Coimbra.

TORGA, Miguel (1994) – *Antologia Poética*, Coimbra.

TORGA, Miguel, (2001) - *Diário Volumes XIII a XVI*, Lisboa.

TORGA, Miguel (2001) - *Diário Volumes IX a XII (1960-1977)*, Lisboa.

*Dicionário Geográfico de Portugal. Provesende - Sabrosa*, vol.30, n.º 265.

*Dicionário Geográfico de Portugal. São Lourenço de Ribapinhão - Vila Real*, tomo 31, n.º 86.

URL: <https://www.diocese-vilareal.pt/a-diocese/historia/>

F I M.



*Reza comigo, se te queres salvar.  
Deus é pura poesia,  
E o poema uma humilde petição  
No templo sacrossanto da eternidade.  
Reza comigo a ler-me (...)* (Torga, 1994, p. 498)



